

SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Maio–Junho/2011
Edição nº 1.336
Secretaria de Estado de Cultura



M

ichel Deguy esteve no Brasil neste final de junho para participar de um ciclo de palestras sobre poesia, realizado no Rio de Janeiro. A vinda do poeta francês ao país coincide com o lançamento de um de seus livros mais recentes, *Reabertura após obras*, com tradução de Paula Glenadel e Marcos Siscar. Nesta edição publicamos uma conversa de Deguy com Siscar. Dentre os temas do diálogo, destaca-se a aproximação entre prática poética e reflexão filosófica. Além de tradutor de Deguy, Siscar também é poeta e ensaísta, e lançou recentemente o livro *Poesia e crise*, que, aqui, é resenhado por Eduardo Jorge.

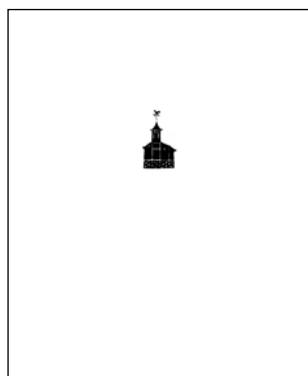
A partir da página 42, o leitor encontra um conto do escritor e poeta argentino Mariano Shifman, na tradução de Ronaldo Cagiano. Mais dois contos, de autores brasileiros, completam os textos dedicados à criação em prosa deste número: “Para ser sincero”, de André Sant’Anna, e “Crueldade” de Lucienne Samôr.

No campo da criação poética, destacamos inéditos do paranaense Miguel Sanches Neto e da mineira Sílvia Rubião. Sebastião Nunes apresenta o poeta bissexto Jackson Drummond Zuim, com ilustrações de Hugo Prats; e poemas inéditos de Andityas Soares de Moura são acompanhados de um texto do ensaísta Fábio Lucas sobre o autor.

Na área ensaística, há um texto de Luís Gonzaga Vieira, sobre literatura, e outro de Gustavo Prandini, que escreve acerca de Jean Monlevade, o fundador da cidade siderúrgica de Minas, nascida no século 19.

A ilustração da capa é de Humberto Guimarães (Sabará, 1947), que é artista plástico, desenhista, professor e ilustrador, com exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Recebeu diversos prêmios e bolsas, inclusive na Europa e nos Estados Unidos.

SUPLEMENTO



Capa: Humberto Guimarães

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial
Equipe de Apoio
Jornalista Responsável

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
João Pombo Barile
Plínio Fernandes – Traço Leal
Jairo Souza
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira
Fabrício Marques – JP 04663 MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

MICHEL DEGUY

ENTREVISTA A MARCOS SISCAR

Michel Deguy nasceu em Paris, em 1930. No início da carreira, trabalhou como professor de filosofia no ensino médio e, em seguida, como professor de literatura francesa na Universidade de Paris VIII, onde recebeu o título de Professor Emérito. Foi membro do conselho editorial da Gallimard, experiência relatada no livro *Le Comité*. Participa, atualmente, do comitê editorial das revistas *Critique* e *Les Temps Modernes*. Edita, desde 1977, pela editora Belin, a revista *Po&sie*, à qual tem se associado, ao longo do tempo, eventos em torno de autores franceses e estrangeiros (uma publicação eletrônica com conteúdo próprio, *Pour Po&sie*, passou a dar apoio, recentemente à publicação em papel. Pela Belin, Deguy também dirige a coleção *L'Extrême Contemporain*, que reúne trabalhos ensaísticos de destaque na área. Além disso, de 1990 a 1992, Deguy dirigiu o Collège International de Philosophie, em Paris, e, de 1992 a 1998, a Maison des Ecrivains. Como poeta, é autor de dezenas de obras e objeto de eventos e publicações especializadas. Recebeu os prêmios Fénéon, Max Jacob e Mallarmé. Recebeu, ainda, o Grand Prix National de la Poésie, em 1998, e o Grand Prix de Poésie de l'Académie Française, em 2004. Em 2010, foi condecorado com o título de *Chevalier* da Ordem Nacional da Legião de Honra, título da República francesa destinado a militares, cientistas, artistas e escritores de destaque.

Seu trabalho tem uma inclinação bastante filosófica e, de fato, muitos textos podem ser lidos como legítimas formulações de questões filosóficas (ou antropológicas), como a proposta de uma “época do cultural” ou a questão do “ser-como”. Entretanto, sua obra é conhecida como obra de “poeta” e o sr. faz questão de dizer que escreve no “interesse da poesia. Como, a seu ver, deveria ser colocada essa relação entre filosofia e poesia? Haveria uma necessidade de filosofia para explicar a poesia? A poesia não basta a si mesma para explicar-se?

Dei este título a um dos meus livros: “A poesia não está só” (*La poésie n'est pas seule*, Seuil, 1988). Logo que tiver a oportunidade, terei prazer em intitular um outro texto “A filosofia não está só”. A questão geral é justamente a do *acompanhamento*, do ser-junto, do COM. O *sentido* nasce do ser-com e dentro dele.

Quem veio primeiro? A questão é insolúvel por princípio e de modo geral. Aporia definitiva; paradoxo *princeps*. E conhecemos a resposta: se algo deu errado, foi o outro (*você*, por exemplo); se algo deu certo, fui eu que comecei. No caso: Homero antes de Heráclito? O “poema” de Parmênides é a proto-ontologia? Sófocles antes de Sócrates?, etc. E nas outras civilizações?

Poderia repetir com Vico que a primeira idade da humanidade foi poética; sim... Mas isso não nos ajuda muito... pois o que seria isso: a primitividade ou a primordialidade do poético? Como saltar séculos e me transportar no hoje, “no interesse da poesia”?



Há muitas formas de enlace na relação poema/filosofema. A aliança e a liga da intuição ao conceito (Kant) como *imaginação* “transcendental” formadora, ou encenadora, do mundo (ein *Bildengskraft*) são tais que o poeta não pode desprezar o conceito. Este seria meu desacordo, por exemplo, com Yves Bonnefoy.

Para retomar uma de suas expressões: a poesia não basta a si mesma. Sob o fundo de sua íntima constituição, que é peri-parafrástica, ela demanda glosa, co-mentário, interpretação, acompanhamento: sua potência *alegórica* abre o pensamento por-vir.

Seria preciso analisar sob vários outros ângulos de abordagem as relações do casal poesia-filosofia; aponto aqui mais dois ou três.

Se “o acontecimento é nosso mestre” (Pascal), o poema entrega o acontecimento (a “circunstância”) à instância meditativa da “filosofia”. Não será isso o que aconteceu recentemente com Paul Celan, cujo poema “testemunha” da Exterminação tem mobilizado, requerido, com urgência imperativa (após a opinião escandalizada com os relatos), o “julgamento” filosófico? (Lembremos dos escritos de Jacques Derrida, que se encontram com Celan e o acompanham). “Para memória”, o poema recolhe e *retém* o memorável.

Se “nós somos um diálogo” – por plurívoca que seja a “hermenêutica” deste famoso dito de Hölderlin –, isso significa que o elemento “lógico” no qual se formam as verdades, desdobra-se em uma dissensão não pacificável: a História das ideias (ou da “verdade”) reúne as fases dessa *altercação* incessante. Ora, o desacordo fecundo sempre consiste na – ou trata da – “vista” daquilo que é o *mesmo* ou de modo algum o mesmo. Tal aproximação de duas ou mais coisas (“de duas coisas uma”, diz o estereótipo francês do enfrentamento), ou “comparação” – aliás, falávamos muito em poética da “imagem”, antes que o termo tivesse sido completamente monopolizado pelo tele-visual –, esta afinidade, ou esta semelhança, esse “ar de família” (etc.) é *exato*, ou não? O “mesmo” é o

mesmo, ou inteiramente outro? O pensamento tornou-se cego pela diferença alteradora que deveria proibir a “assimilação” ou, ao contrário, a “analogia” remonta a um inteligível que pode reunir as diferenças em um *mesmo*.

A operação de julgar é poética: o *como*, ou operador da submissão das coisas sob as palavras, é o agente de ligação mais importante do pensamento.

E se o pensamento é figurativo (figurante figurado), diremos que a parábola (a fábula, a figura *especiosa*) é a bússula do discurso filosófico.

Em *Reabertura após obras*, o sr. fala de uma submissão da poesia (e da arte em geral) à lógica patrimonial e turística, sua “diminuição” no momento em que percorre outros espaços, na direção do espetáculo e da “plasticidade”. Poderia explicar em que consiste a “época do cultural”? De que maneira a arte e a poesia, no passado, teriam tido mais prestígio que no contemporâneo? A amplitude e a radicalidade do fenômeno *cultural* ainda não foi percebida e, principalmente, não foi “ratificada” pelos intelectuais. A questão toda cabe no seguinte axioma: nossa cultura é a cultura do cultural; tudo é “cultural”. A demonstração disso é implacável, e eu a condenso ao máximo: tudo aquilo que *é*, sem exceção, é tomado como *fenótipo* de um *genótipo* nacional (no fundo: étnico) *retraçável*: aquilo que lhe dá valor, “anterior” à acumulação do capital e de toda produção pelo trabalho; é seu valor “patrimonial” (*acrescido* a ele na economia *cultural*) que torna todo *ente* oferecido ao consumo como *mercadoria* disponível (a que preço!) no mercado mundial; tal definição *não* marxiana do valor vale para o “turismo” mundial de uma Paz “perpétua” globalizada. O *mundo* (cujo homônimo nos faz acreditar que ainda continua o mesmo) tornou-se o grande fenômeno turístico, a *exposição* à curiosidade turística dos humanos; é como *turístico* que o local é parte constitutiva do *global*. O paradigma, o exemplo por excelência que permite

entender o fenômeno, é o da *língua*: tesouro último (“reserva” última) da identidade “nacional” e que nenhum trabalho ou capital *produziu*. O “gênio” (hoje em dia, os *genes*, pois toda essa ideologia poderosa do capital é sustentada por, e dentro de, uma metafóricidade regente, proveniente das Ciências da Vida), o “gênio de um povo” se “exprime” aí.

Entretanto (e com este “entretanto” economizo uma enorme transição), ou “ao mesmo tempo”, a mutação fenomenal em curso, verdadeira bifurcação da antropomorfose, completa-se como saída do *logos*, saída da esfera do pensamento vernacular que os Gregos nomeavam “logikon”.

Além disso, a “poética” (que agita os “poetas”, digamos) não tem mais “voz” no debate (o debate das ciências duras e moles, das sociopolíticas, etc.); não participa mais das discussões que interessam, ou é seu destino (social) que se resolve em termos de *cultural* – este que, por sua vez, não é compreendido com profundidade.

Ela não está mais no *Debate* – e a ambição da revista *Po&sie*, aproveito para lembrar isso de passagem, é de recolocá-la no centro do Debate, para que *seja ouvida* (incerto combate). O Debate oficial entre pessoas sérias (responsáveis pelos recursos) determina que seu lugar, simpático, na esfera e na febrilidade *culturais* deve ser suficiente para ela.

Tudo isso não é uma “questão de prestígio” para a poesia! Antes, de vida-ou-morte e, portanto, de ressurreição: a poesia-em-poema conseguirá renascer, depois dessa última “translatio” cultural que ameaça engoli-la? a arca que a transporta(ria) sobre as águas deste dilúvio, impondo uma mutação da substância (em termos aristotélicos: a materialidade-formalidade-finalidade-factibilidade) para elemento distinto do logikon, pode de fato aniquilá-la?

E, a propósito deste tom “apocalíptico”, observo que o *apocalipse*, outrora entendido como revelação, iluminação desveladora, visão de clarevidência definitiva, tem tomado aos poucos sentido inverso: o da cegueira, do entrechoque caótico, do mau arremate.

O sr. mantém uma revista de poesia e está muito presente nas discussões sobre a questão patrimonial da cultura. Sua obra poética e crítica foi objeto de vários estudos especializados. Recebeu, também, recentemente o título de Cavaleiro da Legião de Honra, na França. Observa-se, em *Reabertura após obras*, uma tomada de responsabilidade em relação à “herança” poética. Como o sr. vê o desdobramento de suas iniciativas e de outras do mesmo gênero, sobretudo na França, no que diz respeito ao futuro da poesia.

Esta questão me leva a uma resposta autobiográfica.

Então, vou a ela por um único caminho, sem sutilezas. Se tratarmos o problema da maneira mais tradicional, a resposta é simples: acabou! Um escritor – e, ainda por cima, “de poemas”, em outras palavras, um “poeta” – que não tem ou já não tem visibilidade-audibilidade (televisão, rádio) ou notoriedade que possa fugar o jornalista, está fadado a desaparecer. O *abate* das gerações (sim, o ritmo da prostituição é terrível; eis

um episódio recente: Einaudi, ou seja a Edição italiana, para “recuperar” um atraso (irrecuperável) decide fazer uma “antologia de poesia francesa”, reúne alguns poetas... nascidos depois de 1968: critério absurdo que permite saltar uma ou duas “gerações”; e que agrava a inépcia intrínseca das antologias). O recorte de fatias “escolhidas”, os jogos de influência dos mais bem colocados, o desleixo da crítica – e fico por aqui – completam a insignificância final: “in pulverem revertuntur”... e podemos dispersar as cinzas após o crematório. Fim da “imortalidade laureada” (Paul Valéry), fim da mortalidade laboriosa renomada...

Por outro lado, temos a performance sincrética “única”, que desloca a noção de circunstância, quando “a poesia é de circunstância”, significando agora não mais as condições de nascimento do poema, mas que a dita existência social da poesia realiza-se *no* evento poético cultural. A performance abole a leitura como dicção interna ou pronunciada; e assim o horizonte do pensamento leitor, loquaz, fraseado, *articulado*. Trata-se de *outra coisa*; e não sabemos ainda exatamente que *outra coisa* é essa... Quero dizer que “o cultural” não é algo condenado ou condenável, mas que a “translation studiorum” que ele veicula provavelmente engolirá os *studia*. Uma antiga expressão francesa definia “a cultura como aquilo que permanece quando esquecemos tudo”. Podemos dizer que o “cultural é aquilo que permanece quando esquecemos o sentido da definição-da-cultura-como-aquilo-que-permanece-quando-esquecemos-tudo”.

— E, apesar de tudo isso, alguém poderia me perguntar, você continua?

— É claro que sim; não há outra coisa a fazer. Continuamos na “resiliência”, ou seja na tentativa de entender o que nos acontece. E, assim, este último traço de inquietação e autovigilância se impõe: pode ser que a mutação em curso seja tão integral, tão complexa, afetando todos os campos, setores, instrumentos, conceitualizações, e eu, seu interlocutor, seja tão ignorante, tão marginal e “inativo”, que me torne incapaz de compreendê-la convenientemente e até de me referir a ela – para além dessas generalidades que acompanham, sem incomodá-la, a panmorfose que está em curso...

MARCOS SISCAR

Poeta, tradutor e ensaísta. Seu mais recente livro de poemas é *Interior via satélite* (Ateliê Editorial, 2010). Traduziu, com Paula Glenadel, *Reabertura após obras*, de Michel Deguy (Editora da Unicamp, 2010).

Reabertura após obras

(FRAGMENTOS)

SELEÇÃO DE MARCOS SISCAR

MICHEL DEGUY

1

Não intitulei este opúsculo “manifesto pela poesia”, embora tivesse vontade de fazê-lo, encorajado pela emulação já proposta por Alain Badiou (com seu “manifesto pela filosofia”). Isso porque o tempo dos *Manifestos* concluiu-se – exatamente com Breton, que põe fim à era do Romantismo, apesar das réplicas sísmicas posteriores (na França, tivemos o manifesto *frio*, o *elétrico*, entre outros...). Eu certamente poderia dizer com Badiou que a idade dos poetas terminou, mas apenas se – aproveitando-me da permutabilidade dos três componentes da famosa tríade: poesia / poema / poeta – eu fingir acreditar que Badiou também está constatando o encerramento do Romantismo. Porém, como o leitor tem razão de conjecturar, se ele anuncia – de certo modo, acrescenta – a extinção da possibilidade de transformação da poesia (nos termos que colocarei), da literatura e de várias outras coisas conexas, por um exorcismo hiperbólico que pretende acabar com o juízo da poesia, neste caso, eu preferiria escrever: começa a idade do *parabólico* ou da escrita num sentido profano aumentado, que é aquele do “poema” transformado, de mais um avatar de “fim do mundo” (Baudelaire) ou do “pensar-falar-escrever: o mesmo”.



2

*O que eu responderia a esta alma piedosa
Ao ver caírem-lhe lágrimas dos olhos cavos?*

1. “Eu” é Baudelaire-poeta, em primeira pessoa, e este “eu” se estende a todos os “eu” que quiserem ocupá-lo.
2. O fraseado é moderno porque é *prosaico*, dificultoso, *prudente*, fronésico e não frenético, “sóbrio” – É a extensão em dodecassílabo prosaico (= anapesto + iambo // anapesto + iambo) de uma questão banal: “o que é que eu poderia lhes dizer?”.
3. A pergunta se dirige, ela destina (o poema) às almas piedosas. O que quer dizer? Ela registra o fato de que os homens são piedosos (ainda são assim; e durante quantas gerações, ainda?). Ela transforma a poesia em um im-piedade piedosa, que “deve” refazer revelação (de sentido) com a profanação (de sagrado), uma secularização. Ela é moderna na medida em que contrariada, oximórica, especificamente deste lado do mundo: ou seja, cristã/descristianizada.

Na responsabilidade de assumir, como legatário, a tarefa de dizer-a-estas-almas-piedosas, volto brevemente a um poema a que dei o título “*Da pietà*” de São Pedro, em Roma. Se o exemplo for apropriado, o leitor me perdoará a autocitação.

Que piedade é essa? A *pietà* de Michelângelo na basílica de São Pedro é mostrada *como* trapeira que apresenta seus tesouros (seu filho) sobre os joelhos para “dá-lo ao mundo”, abrindo assim o amplo diastema em que vivemos e, ao mesmo tempo, eu diria, a amplitude de sentido aberta pelo par compaixão-devoção, criando uma figura para a solidariedade do par extensão-compreensão. Em suma, uma metamorfose, orientada de modo que poderíamos, inversamente (é o interesse da coisa), considerar como trapeira da aurora uma mulher humilde qualquer desocupada por um instante de seu trabalho, como *pietà*, madona, expondo ao mundo aquilo que mobiliza sua paixão. A inversão da metamorfose, ou metamorfose prosseguida, moderna, em profanação é a operação.

3

Este ao-mesmo-tempo em que tento me manter, é constituído por dois movimentos: de uma certa maneira, chegamos no final do século XIX no momento em que Nietzsche e os herdeiros franceses do grande romantismo europeu (Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Nerval, Ducasse...) nos aguardam, como pórtico da modernidade... enquanto, “ao mesmo tempo”, ultrapassamos os limites... do século XX. O ponto baudelairiano, ele próprio tardio legatário do romantismo anglo-germânico, por onde passo na vertical, é aquele do *recolhimento* ateu e da *elevação* que se pergunta (no meio das *Flores do Mal*) o que poderia querer dizer às “*almas piedosas*”. E esta virada de asa do Anjo benjaminiano, que entra de costas no futuro, é feita *depois* de uma sinopse em estilo de juízo final para um século XX que nos deixa com a equívoca *última palavra* heideggeriana: “Só um deus pode nos salvar”.

Em matéria e maneira de tom apocalíptico, Baudelaire retoma a tradição. A divisa da última página dos *Projéteis*, profecia literária, pronuncia: “O mundo vai acabar”. Não seria tarefa do artista, Michelangelo ou Baudelaire, enfrentar seu fim-de-mundo? Momento do sublime, como direi adiante. Neste tom, e para aumentar o momento desta cesura que nos autoriza a falar de pós-modernidade ou de *ultra-contemporaneidade*¹, não posso me impedir de traçar seu esboço catastrófico – “catástrofe” tomada no sentido matemático neutro de alteração brusca e no sentido abelardiano de calamitas.

Historia calamitatum, portanto, mas sobretudo no intuito de ponderar dois aspectos que são de interesse da poética.

1 Para mencionar a coleção [*L'extrême contemporain*; o extremo contemporâneo] que dirijo nas edições Belin.

POESIA EM TEMPOS DE CRISE

EDUARDO JORGE

As despedidas à literatura têm sido cada vez mais constantes. Em teoria, já se ouviu algumas vezes “adeus à literatura” e, quando se fala em poesia, as despedidas parecem ainda mais contínuas. Nos tempos de crise, diversos escritores, teóricos e ensaístas já saíram em defesa do objeto literário, enquanto outros dissertaram sobre as utilidades da poesia. Seria esse um modo de tentar recuperar a dignidade perdida da literatura e, de modo específico, a da poesia?

Dizer “adeus” não significa excluir a literatura e a poesia por completo de diversas redes e saberes, mas pensar e debater sua falta de prestígio nos tempos atuais. De fato, a literatura é constituidora de redes de novas articulações epistemológicas que marcam campos de saber e práticas artísticas. Essas marcas, por mais que pareçam invisíveis, às vezes dão à literatura uma presença invisível, como se esta fosse apenas um elemento condutor de alguma hipótese ou ilustrasse uma teoria. Nesse caso, rendida à condição de “exemplo”, a literatura estaria submissa ao jogo de poderes de outros campos do conhecimento?

Por outro lado, pode-se argumentar que a literatura também atua como um mal-condutor, pois nem sempre ela ilustra, confirma ou atesta – ela tensiona. Ao modo de um convidado inconveniente, a literatura permanece e a poesia faz questão de não ir embora. Seria, então, pela permanência que a crise se instauraria, uma vez que os discursos críticos estariam sob suspeita de um esvaziamento?

Se pensarmos que a crise foi um dos tópicos decisivos que atravessou o século XX, a legitimação da literatura moderna está diretamente ligada à noção de crise. Pensando a poesia, ela seria “um lugar da crise”, como apresenta Marcos Siscar em *Poesia e Crise* (Editora Unicamp). A forma não é uma experiência da *identidade*, mas da *crise*, escreve Siscar em sua leitura de Siscar é que a *forma* pensada por ele não se qualifica apenas como estilo de texto, de um autor, mas seria uma relação com a crise. Crise essa, como expõe Siscar, que é um dos elementos fundadores da experiência moderna. O autor questiona ainda o curso da falta de lugar e de importância da poesia perguntando qual o interesse em escrever sobre poesia em trabalhos de fim de curso ou ainda em jornais de grande circulação?

Desse lado, Siscar afirma que a poesia é uma cisma. Ela é a invenção de um problema que, aliás, não precisa ser resolvido, mas que existe na condição de problema, como se houvesse aí um pacto imperceptível (entre autores, leitores) que mantém ativo o desejo de suspender aquilo que inquieta. Em uma época em que a solução está sob a forma de diversos produtos, a poesia como problema, linha de tensão, soa como algo anacrônico, mas esse anacronismo, conforme Marcos Siscar explicita, é seu trunfo, seu momento disruptivo com o tempo que é o seu salto. Ao escrever sobre Augusto de Campos, Siscar afirma que “o efeito de anacronismo é necessário, por contraponto, para tornar mais eficiente o salto da poesia na direção do futuro”. Esse seria um dos modos operatórios da poesia lidar com aquilo que não caberia no livro, pois “o futuro é o momento de realização plena da técnica, e o presente – em consequência –, um momento em que a técnica *ainda falta*”.

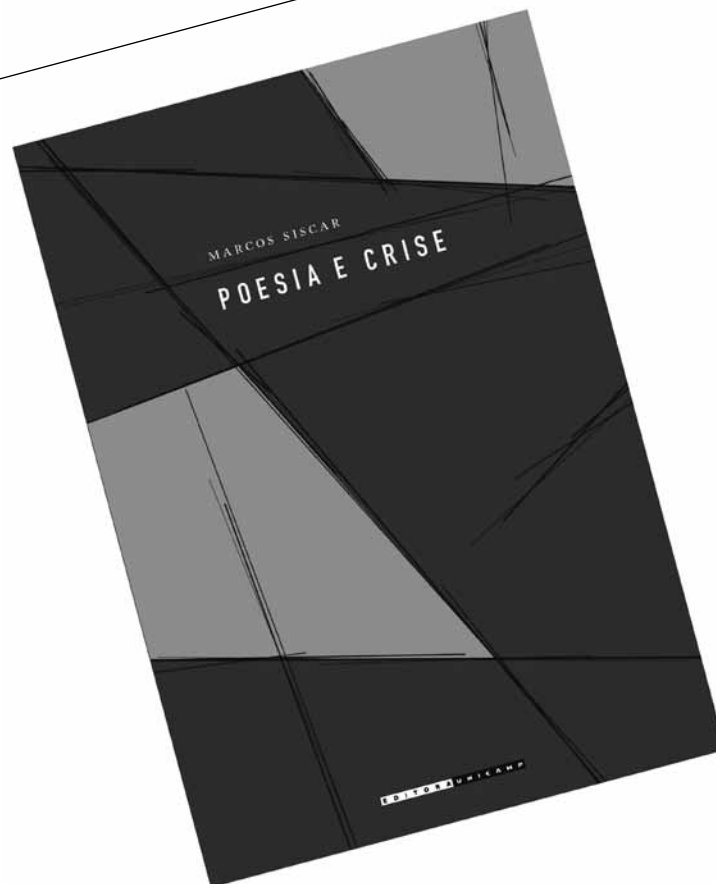
A poesia atuaria, portanto, diretamente na falta da técnica, como se, performativamente, ela assombrasse a perspectiva de futuro. O assombro passa pela tradição, pela tradução e pela circulação de textos, de poemas em seu fenômeno histórico. Discutir as traduções e leituras históricas de Charles Baudelaire, Stéphane

Mallarmé, Villiers de l’Isle-Adam, Michel Deguy, bem como as tensões da poesia brasileira contemporânea, requer pensar como a crise se materializa no próprio poema e nos seus jogos de tensões. Se quisermos ler o problema apresentado por Marcos Siscar a partir de um poema, é interessante observar em “As banhistas”, “os nossos dois únicos modelos: a crítica e a língua/ A tarefa de Siscar, em *Poesia e Crise*, é dar ênfase ao assombro da crítica e da língua, que insiste em retardar a despedida da poesia. E Siscar relê historicamente o problema pela crítica e pela poesia.

Pode parecer tautológico, mas *Poesia e Crise*, reunião de ensaios de Marcos Siscar, contribui para uma leitura pormenorizada do problema histórico da relação de tensão entre esse dois polos. Nessa tautologia, há uma questão de ênfase no problema com a terminologia “crise” quando pensada em relação à literatura. Isso não impede o movimento de ler poesia e crise como poesia é crise ao tratar a modernidade como *topos* histórico do problema. É diante de embates que a poesia cria uma produção de diferença nas novas paisagens epistemológicas em torno do fenômeno literário.

EDUARDO JORGE

é mestre em Estudos Literários (Teoria da Literatura) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Publicou *San Pedro* (2004), *Espaçaria* (Lumme Editor, 2007) e *Caderno do Estudante de Luz* (Lumme Editor, 2008).



FAZENDAS MINEIRAS

POEMAS DE JACKSON DRUMMOND ZUIM

O BISSEXTO ENRUSTIDO

T

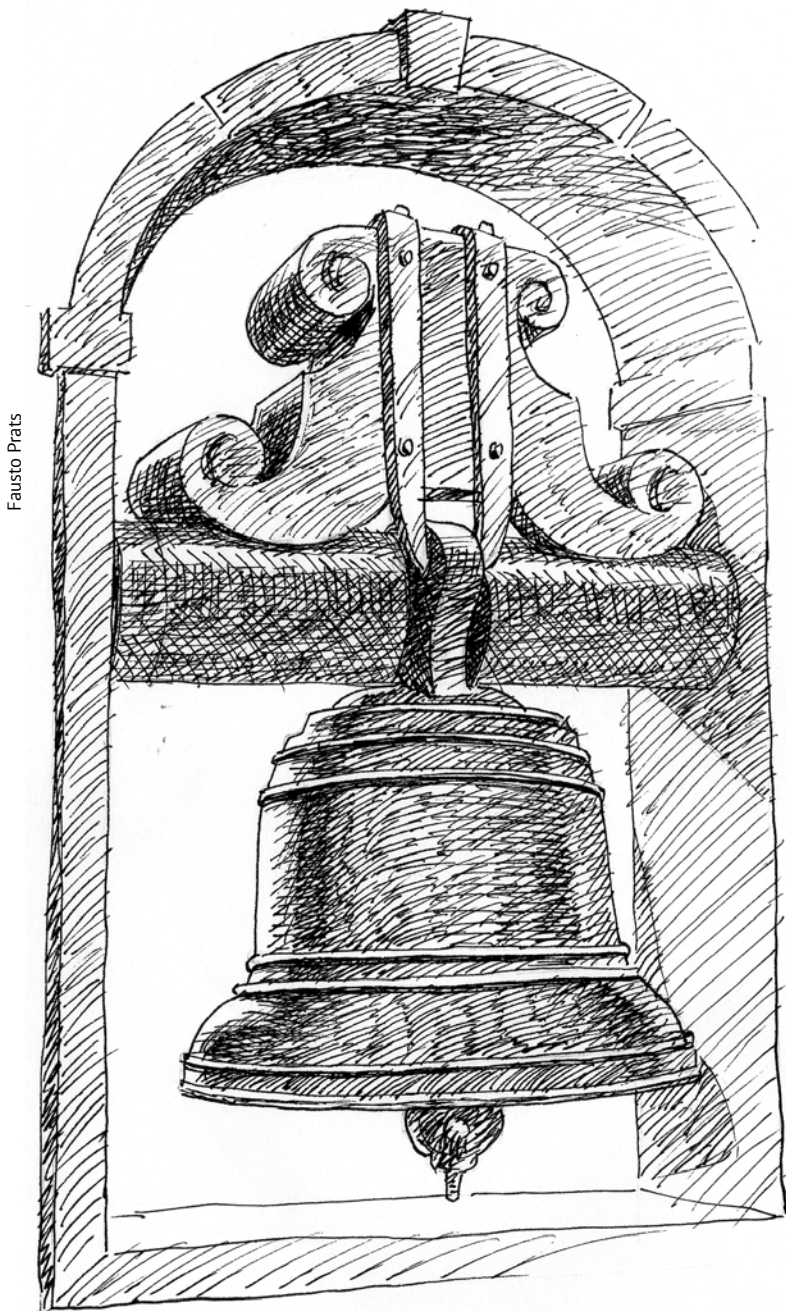
odos nós, amigos de Zuim, sempre soubemos de seu gosto por literatura. O único problema era que, mesmo lendo e escrevendo durante muito tempo, ele se recusava a mostrar sua produção, enrustido (pelo menos literariamente) como sempre foi.

Finalmente, depois de anos e anos de trabalho silencioso, a fera saiu da toca. Saiu só em parte, mas saiu, revelando o poeta pronto, maduro. E então nos presenteia com uma amostra, pequena é verdade, do muito que deve estar guardado e que, em vez de guardado, deveria estar enfeitando o céu da poesia brasileira, como papagaios e borboletas e estrelas e vaga-lumes.

O lirismo predomina. Mas não um velho lirismo esparramado – o lado ruim da poesia lírica –, mas o belo e sóbrio lirismo do poeta seguro de si, aquele que se busca no fundo da memória e da imaginação, e que é um misto de compreensão, ternura e compaixão pelo que é belo porém frágil, e também pelo que sugere perenidade, mas, infelizmente – e como quase tudo –, é passageiro.

Zuim é um excelente poeta. Talvez agora, que teve coragem de mostrar o que jamais deveria ter escondido, seus poemas deixem de ser dele para ser de todos nós, e ele talvez perca o mau hábito de poetar para dentro, como os poetas que, bissextos, teimosos ou tímidos, terminaram vencidos pela poesia, que não se contenta em ser exclusividade do autor, que não passa do meio através do qual ela se revela – luminosa – ao mundo.

SEBASTIÃO NUNES



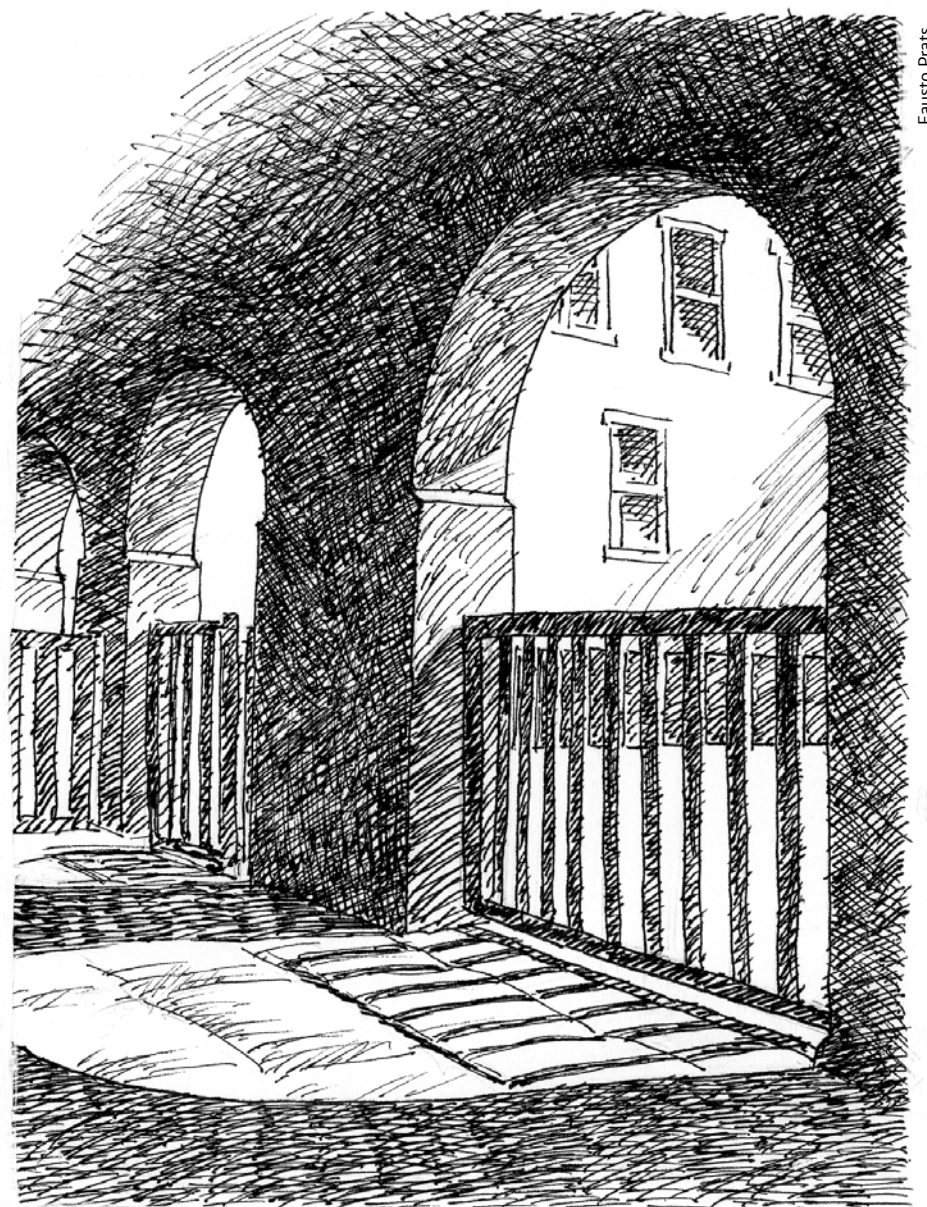
Fausto Prats

Boa Esperança

Chegamos de visita e já somos donos.
 Ser proprietário, aqui, é puro exagero.
 Quem é que possui o teto da capela
 que Athayde pintou?
 Para nós, a terra, a casa, o cafezal,
 tudo é excesso.
 Ficamos satisfeitos só com o nome,
 patrimônio comum a toda humanidade:
 Boa Esperança,
 Boa Esperança do Belo Vale.

Borda do Campo

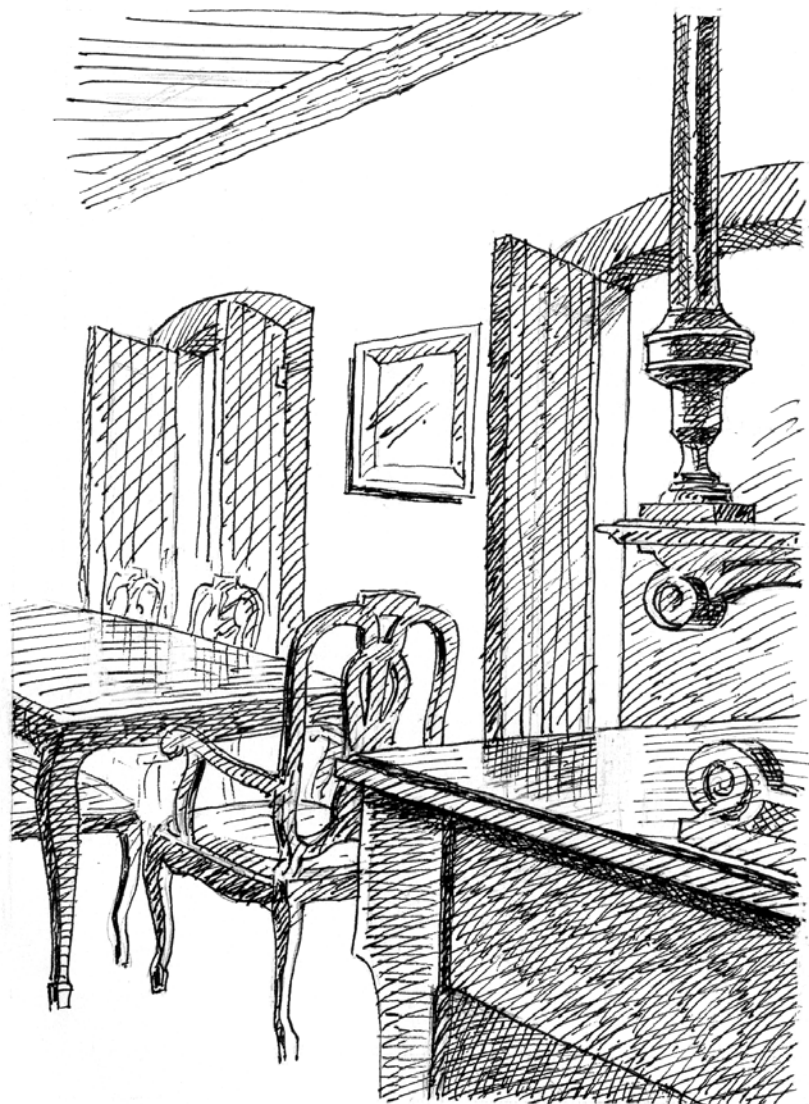
Clara como prata,
 a luz do meio-dia é uma ponta de punhal.
 O calor dói sobre o pátio, chicote de feitor
 e o relógio de sol padece cada minuto
 desta penitência, febril, sem pressa.
 Marcar o tempo também, é uma forma de escravidão,
 trabalho ingrato, até o dia morrer de exaustão.
 Alívio da noitinha. Na sombra fresca
 as horas descansam, presas no pelourinho de pedra.



Fausto Prats

Formiga

Que nem formiga. É assim que eu trabalho.
Do mesmo jeito que meu tataravô fez esta casa,
deste mesmo jeito, ainda hoje,
eu sustento a casa em pé.
Esta é a nossa verdade.
a última letra da lei, testamento e confissão.
Cumpra-se, então.
Lavouras de milho e café,
os currais prenes de gado,
as senzalas, repletas de negros,
os muitos alqueires de pasto,
até mesmo as formigas, os cupins e o mato
tudo é nosso. Inclusive a saudade,
agarrada na pele feito um carrapato.



Fausto Prats

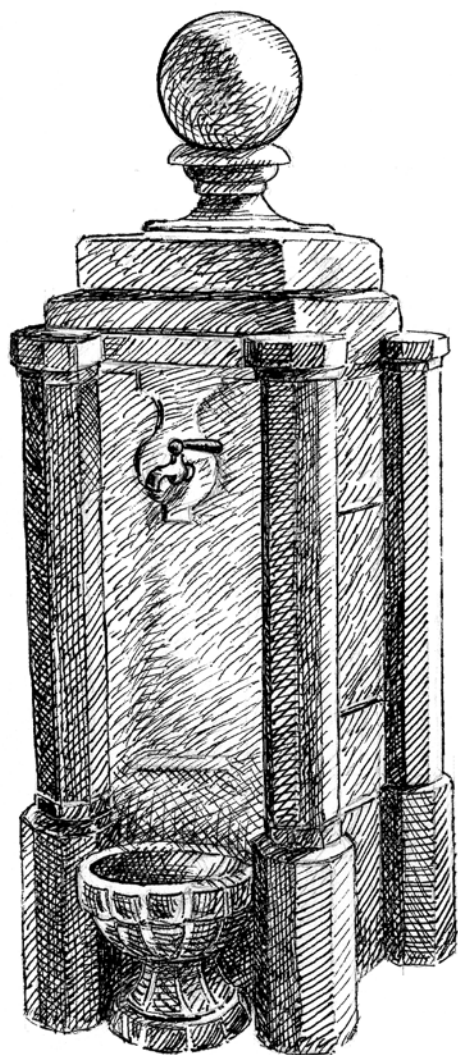


Fausto Prats

Jaguara

Rediviva, a velha fazenda resiste
e o ar senhoril, depois da restaurada,
ganhou ademanes de sinhá mocinha.
Terno recato da juventude resgatada.
Até a mobília sobrevive intacta:
mesa de jacarandá, cadeiras de palhinha,
velhos baú onde repousam fantasmas.
Lá pelos idos de mil oitocentos e pouco,
Até o Aleijadinho andou por esses lados.
Projetou a igreja, esculpiu o frntão
e foi-se embora, roído de consunção.
O tempo não poupou as pedras
e corroeu as paredes, derrubou o telhado,
transformou em mofo os anjos pintados.
O olho insone das janelas confirma
que ainda há música nos salões, alguém ainda reza na capela.
Tristezinha, a alma penada do Aleijadinho
vagueia pela nave sem teto da igreja
e espreita, condoída, por detrás das arcadas.

Fausto Prats



Monte Alegre

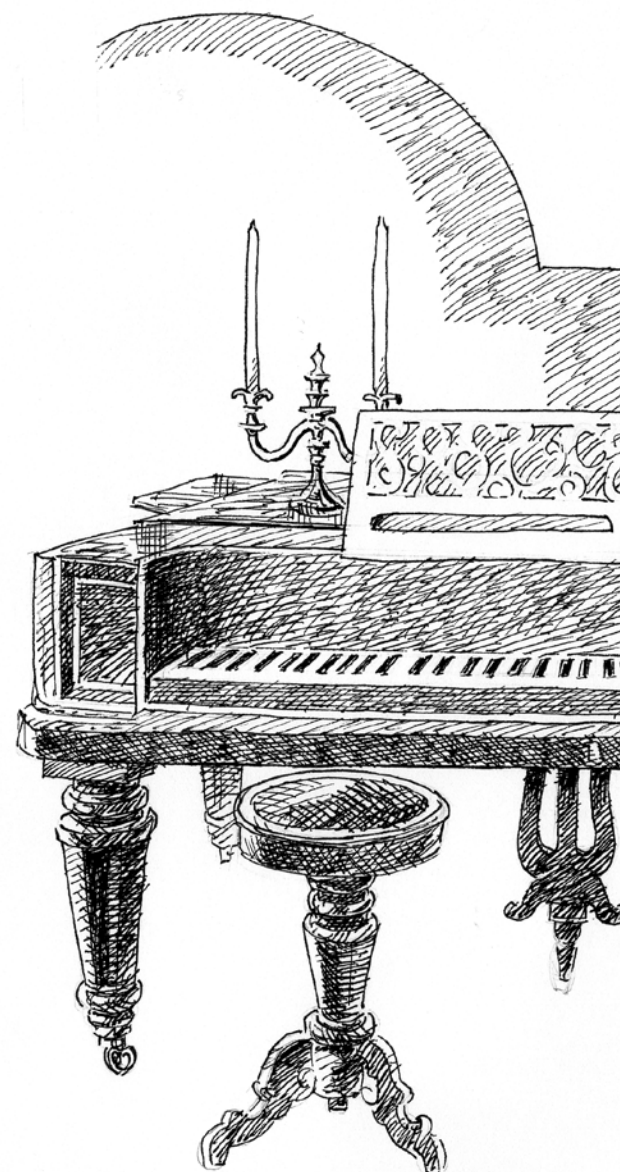
O chafariz de bronze, forjado na Europa
 é só mais uma lembrança do passado,
 entre tantas outras. É triste, muito triste
 abrir o baú das antigas memórias.
 Foi o filho doutor quem trouxe:
 o chafariz e o diploma da Sorbonne.
 Por falta de causas advocatícias
 o diploma amareleceu na parede
 junto com o retrato do nosso avô
 e as almas de todos os antepassados.
 Casa do meu sangue, sombras da minha alma.
 O chafariz também sente saudade
 e no pátio da Fazenda Monte Alegre
 é só abrir a torneira que ele chora.

Santa Clara

Santa Clara das 222 janelas,
 pupilas azuis abertas ao verde das colinas.
 Santa Clara dos 1.800 negros,
 suando na lida sem fim no café.
 Santa Clara dos 1.000 alqueires de terra, dos 280 anos de
 tempo,
 dos 70 quartos guardando a esperança de donzelas insones.
 Santa Clara, do piano francês solfejando lembranças na sala.
 Santa Clara, do velho relógio alemão,
 que ainda hoje, em vão,
 procura regular seu rígido horário germânico
 pelo ritmo lento das tardes mineiras,
 a vida debruçada na varanda,
 a noite que demora a chegar.
 Santa Clara, fazenda paciente que nem uma ladainha,
 onde os anos têm preguiça de passar.

JACKSON DRUMMOND ZUIM
 mineiro de Caxambu, é publicitário e poeta,
 ainda inédito em livro.

Fausto Prats



MARIANO SHIFMAN

A ENTREGA

TRADUÇÃO DE RONALDO CAGIANO

Tinha que levar uma encomenda à Rua Vilardebó, 500: um envelope de papel madeira com alguma pasta ou livro. Tratava-se de uma dessas entregas “não prioritárias” que podiam ser postergadas para o dia seguinte. Preferi ir no mesmo dia, porém ao entardecer. Era uma zona escura que eu ainda não conhecia bem, estava meio perdido. Para não caminhar demais, perguntei a um vizinho, um homem entrado em anos e em quilos, prontamente abrindo a porta de um saguão.

As pessoas se assustam diante de estranhos (sobretudo quando baixa o sol) e apressa o passo ou se esconde, mas dessa vez não. O homem ouviu a pergunta, deu meia-volta pouco depois, com certa dificuldade – talvez sofresse de um problema no quadril –, e me olhou de frente enquanto esfregava a barbicha e encarava as sobrancelhas muito densas. Havia me visto antes em outro lado?

— São cinco quadras depois dessa. Passe a avenida e é a primeira. Depois, uma quadra e meia à esquerda.

Desejou-me sorte.

Na área não havia placas com nomes das ruas, mas o percurso me pareceu simples: chegar à primeira avenida, caminhar até a quadra seguinte e logo dobrar à esquerda. Estranhou-me a crescente quantidade de automóveis

antigos na medida em que me aproximava do destino. Às vezes dentro de uma mesma cidade (e ainda de um mesmo bairro) há diferenças que não se explicam só pelo poder aquisitivo. Idiossincrasias, pensei.

Segui a indicação, nada complicada. Constatei que a altura foi a correta. Tinha que estar em frente ao domicílio procurado: dos lados do biombo se via uma placa de bronze de consultório ou estúdio.

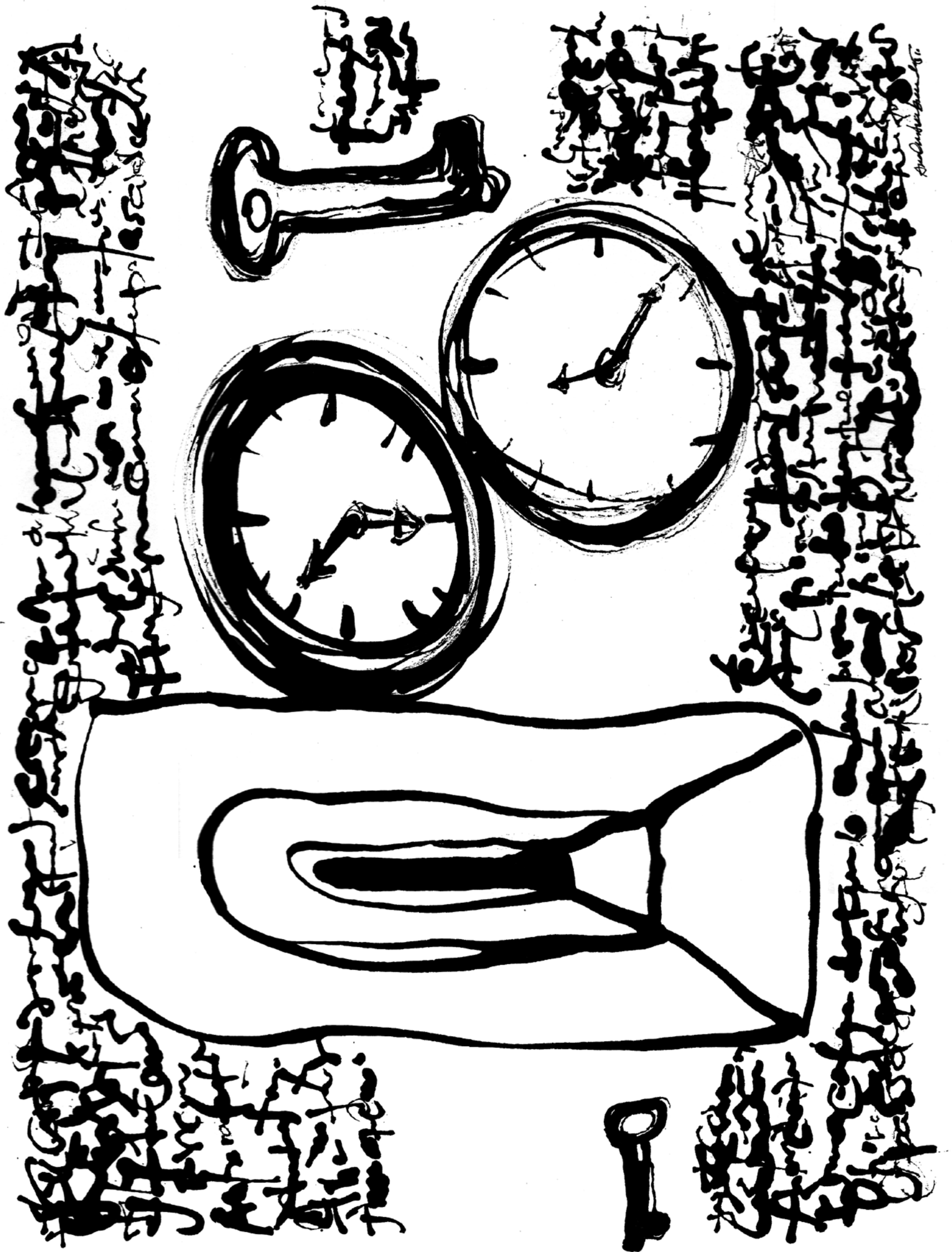
— Ah, sim, as pastas para o doutor. Passe.

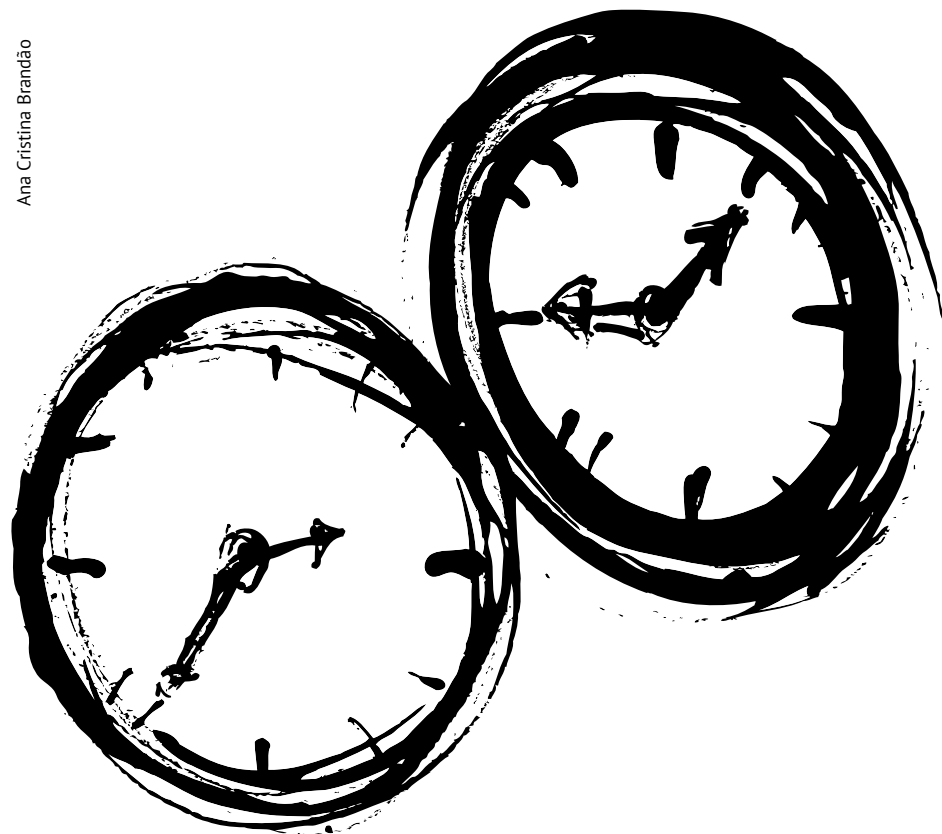
Atendeu-me uma mulher de uns trinta e cinco anos, alta, corpulenta. Não havia muita luz, de modo que não pude ver-lhe em detalhes a cara. Feia não era, ainda que a boca grande a tornasse um pouco tosca.

Adentrei o saguão, que estava às escuras. Disse que a lâmpada do corredor havia queimando um pouco antes. Pediu-me que passasse à sala de espera do estúdio para poder ler os dados do envelope e acusar o recebimento.

Era uma sala ampla, de tetos altos, com um revestimento de cores desbotadas e uma proteção com mapas-múndi e frases em latim. Sentia-me bastante cansado logo depois de uma jornada cansativa: duzentas e cinquenta, trezentas quadras a pé. Não havia razão para que recusasse seu convite para sentar. A mulher tinha que ir até o segundo escritório buscar o doutor. Antes de retirar-se, me serviu suco de uma jarra apoiada sobre uma mesinha de café coberta por

Ana Cristina Brandão





revistas em branco e preto. O sabor da bebida, demasiado doce, viscoso, é o último que de que me lembro até depois de me despertar.

Encontro-me estendido sobre uma cama gigantesca, de pelo menos três lugares. No momento estou só, com o tronco nu. Também me tiraram o cinto. Não posso me recordar como cheguei até o cômodo, não sei o que me deram para tomar. Mas apesar de estar bastante apreensivo, não sinto a angústia imaginável em uma situação assim, à mercê de qualquer coisa.

Na casa, tingida pela difusa luz avermelhada de um pedestal, não há relógios, e o meu não funciona. A janela dá para outra casa interna, de modo que não tenho meios de saber a hora, se é de noite ou se amanheceu. Penso em gritar, mas meu temor, estranhamento, não é proporcional ao esforço que precisaria fazer. O que mais me preocupa é meu estado de relaxamento, uma indolência que percorre todo meu corpo e que não me deixaria em boas condições no caso de ter que me defender ou tentar escapar.

Passa um longo tempo, que segundo meus cálculos é de pelo menos meia hora. Só então junto forças para levantar-me da cama e tratar de abrir a porta, o que faço sem dificuldade. Na parte contígua vejo três mulheres semidespidas, de calcinhas e com despojados sutiãs. A maior – que é ruiva –, de grandes seios e uma pinta sobre o ângulo dos lábios, não chega aos vinte e cinco anos. As outras duas asseguram ter vinte, ainda que pareçam menores: uma loura do tipo alemã, cabelo curto e nariz demasiado arrebitado que lhe dá ares de bebê, e uma delicada morena de traços indianos, cabelos muito escuros, azeviche, longuíssimo e sedoso. As três nasceram para ser desejadas.

— Se continuares comportando-te tão bem como até agora, terá mais sobremesa –, disse a maior.

— Enganas-te, querida, teremos que nos comportar muito bem. Ele pagou todas as despesas na última noite, agora nós temos que... – acrescenta a morena.

— Terás que se comportar bem com as três, *papi*, interrompe a loira. Por acaso eu não te atraio tanto como as outras?... Hoje vou ser a primeira.

Não posso recordar nada do que me atribuem. Não estou louco, não estou sonhando, as mulheres são reais e eu gosto muito, mas os desejos naturais de minha primeira reação transformam-se imediatamente em cansaço, de modo que não posso explicar muito bem, algo assim como uma ilusão que murcha. Apenas tenho forças para continuar parado escutando-as falar de mim. Quero sentar-me ou voltar a dormir. Sequer me interessa perguntá-las o que supostamente se passou na noite anterior. Ou saber o que pode acontecer esta noite. Vou me sentindo cada vez mais leve, desprendido de meu corpo, como se não houvesse gravidade. Tenho que dormir. Durmo.

Acordo em outro quarto. Ao contrário do primeiro, neste a luz do sol estala contra cada objeto da cômoda, das mesas de luz, sobre um mural *a la mexicana* que cobre grande parte de uma das paredes. Esta cama é convencional, de dois lugares. Nem bem me sento e em volta emerge do banheiro da suíte uma mulher de uns trinta anos, figura estilizada, vestida com saia cinza, apertada, mas de corte formal, e uma espécie de camisola branca, muito engomada, com colarinho bordado. O ruído dos tacos, desmedidos, parece-me desagradável. No cabelo, entre louro e cinza, carrega uma rede.

Eu sou e não sou eu. Sim, porque não me abandonou a consciência de todo o meu passado até o momento da entrega: não perdi a memória de minha vida anterior, primeiro passo até a loucura. E não, não sou eu de todo, porque aquele, a ideia de mim que sobrevive na lembrança, estaria

desesperado por conhecer o que vem acontecendo desde que cruzou a porta de entrada. Estou nervoso, é inegável. Mas como se fica antes de um exame ou frente a uma entrevista de trabalho.

— Vou às compras –, deixa escapar ao passar a altiva dama. – Chegaram umas novidades nas lojas do centro. Ah, gostaria de usar hoje o pérramus¹ e o chapéu que lhe presenteei em seu aniversário.

— Que aniversário, que pérramus, que chapéu, podes responder-me?

Criou um mal-estar que não sinto e ela franze a testa com uma raiva que nem percebe. O jogo de dupla ficção anula-se por si mesmo. Ela sai sem responder-me e eu me retiro para dormir.

A casa, embora situada em pleno bairro de classe média, tem ou aparenta ter uma superfície descomunal. Na ponta de uma lustrosa mesa de escritório, ovalada, de comprimento não inferior a dez metros, analiso os traços de vinte homens de terno. Uns têm perfil de ave, outros de tubarão, com o queixo contraído, alguns de felinos: todos se assemelham a animais predadores. Muito me surpreende eu estar ali, mas não que eles estejam. O mais jovem de todos se refere a mim como *meu pai*. Não sei o que pensar nem o que sentir, mas se o visse na calçada em frente preferiria destruí-lo: para bater-lhe ou por ser insuportável.

O tempo não é o que cremos ou que fazemos com ele, mas o que ele faz de nós. *De e não* com, porque o tempo é sujeito ativo: não necessita colaboração, consulta, nem compromisso de suas criaturas. Volto ao primeiro quarto, o escuro, o que me levou outra vez até ele mesmo, como a serpente que morde a própria cauda. Posso observar-me em um espelho pela primeira vez desde que cheguei à casa. Não sei se envelheci, porque a imagem interna que tenho de mim corresponde à imagem que o espelho me devolve. Cansaço não me falta, mas não o de costume, físico, senão um profundo esgotamento mental. Necessito que alguém me abra a porta, agora fechada. Prestes a voltar e me deitar por causa do tédio ou resignação, entra a corpulenta mulher do início. Está ou se considera mais velha, porque agora me trata de senhor: julgo aos outros como a mesma forma com que me julgam. Mas prefiro não averiguar nada. Aproveito a porta aberta e saio.

Ontem, em outro extremo da cidade, e já sem esperança de vê-lo novamente, encontrei-me com meu cicerone. Aparentemente, não havia mudado nada, mas senti isso como uma falácia. Pelo menos, variou a percepção que eu tinha dele. Se soubesse de onde me enviou aquele entardecer, era o contrário do que então me pareceu: um simples homem de subúrbio. Mas se ele não soube, ninguém sabe nada, nem ele nem eu. E não foi isso que pensei dele nem de mim quando perguntei-lhe pelo nome de uma rua.

— Como estamos indo?

Não me agradam os plurais descarados em que me incluem sem autorização.

— Diga-me a verdade.

— Não o entendo.

Avancei um par de passos. Necessitava vê-lo mais de perto, descobrir uma chave ou uma armadilha. Talvez tenha imaginado que eu fosse golpeá-lo. Suas sobrancelhas estavam despenteadas.

— Está bem, vou lhe dizer. Equivoquei-me.

— Não o acuso de nada. Onde eu estava?

Chegamos ainda mais perto. Seu rosto era um velho retrato de família.

— Me consultaste na rua Viladerbó e nem me lembrei da mudança do nome. Te mandei a Ballivián, que assim se chamava quando eu tinha a mesma idade sua. Tomaste-me como distraído e te mandei ao passado. Te vi tão igualzinho a mim que a confusão foi mais forte que eu. Se te fiz sofrer, desculpe-me, te peço por Deus.

Fiquei pálido – me conheço –, mas não reparou em minha falta de cor ou não se interessou. Seguiu explicando já mais calmo, quase dono da situação.

— Foste ao passado que justamente um pouco antes me havia vindo à mente. Se me analisasse um pouco terias te dado conta, menino: te mandei ao passado pelo qual não passei. Não ao que me recordo, senão a outro, ao que vislumbrei, mas não vivi. Como foram as coisas?

Ainda confuso, como se flutuasse entre as distorções de um sonho (o seu, o meu?) tratei de pensar uma resposta razoável. Notei-lhe um olhar um pouco vidrado. Dizer-lhe *bem* poderia torná-lo amargo; dizer-lhe *mal* também, se é que por alguma razão me considerava. Afinal, qual era a verdade? Estava tentando perguntar-lhe se isso que atravessei pode ter sido meu futuro. Não me animei.

— Veja, é como tudo: questão de gosto, questão de costume.

O velho esboçou algo parecido a um sorriso e me deu aquele envelope, que não havia encontrado destinatário. Não quis averiguar o que ele tinha. Tampouco quis abri-lo. Ainda que não fizesse falta: estava vazio. Ainda tremia, apressei o passo até a estação sem olhar atrás.

1 Espécie de sobretudo ou abrigo de inverno, muito usado em meados do século passado na Argentina.

MARIANO SHIFMAN

nasceu em 1969 em Lomas de Zamora, Argentina, formado em Direito, é autor dos livros de poesia: *Punto rojo* (2009) e *Material de interiores* (2010)

AQUELE QUE VEIO DEPOIS

MIGUEL SANCHES NETO

1.

Embora tímidos intervalos
entre fronteiras do nada,
não nascemos por acaso.

Em nossa idade errada,
geramos este novo ramo
de uma árvore frágil.

O tempo, antes tirano,
se rendeu a este filho,
fruto tão extemporâneo

do que em nós é vívido
apesar do peso dos anos,
do cansaço dos caminhos.

O arrote, a cólica, o pranto,
a sonolência e a insônia,

tudo é puro encanto.

O filho que não fala sonha
coisas talvez estranhas
e, sorrindo para a madona,

procura as suas mamas
que além do lúbrico leite
vertem a luz da manhã.

Talvez nada ele enxergue
quando procura o seio
para matar fome e sede.

E o que para nós é cedo,
para ele talvez seja tarde
neste breve brinquedo

de rápido inventar-se.

2.

Ele devia ter chegado antes
para que nossas infâncias
fossem comunicantes.

O velho e a criança,
é assim que seremos,
depressão e esperança

num mundo nada ameno
e cercado de incertezas.
Talvez por isso amaremos

o que o outro representa.
Darei a ele estas dúvidas,
testemunho de tormentas.

Ele me salvará do dilúvio,
abrindo o seu sorriso
num renascer do mundo.

Nada sabe ele de tudo isso
que corrói o que somos
e nos rouba o pouco viço.

No que ele cria em sonho
dá-se um novo princípio:
primavera neste outono,

ou inverno interrompido
por uma onda de calor
que inventa um veranico.

Enrolado em um cobertor,
plágio áspero da placenta,
meu filho ocupa todo

um tempo de impaciência.

3.

Meu pai era um buraco,
um nome morto na laje,
uma mancha no retrato.

E ao neto coube o disfarce
de levar um nome morto,
nesse refaz-se e desfaz-se

que é a vinda de um outro,
um novo lance de dados
reavivando a força do jogo.

Leva o nome de meu finado
pai este meu filho homem,
só o nome, não o fado.

Ocupará o antigo nome
com sua carne nova,
e talvez ele até reforme

a anterior e triste história
de um homem analfabeto
que não teve outra escola

além do trabalho abjeto
na roça, manejando enxada,
e depois o vil comércio

que pouco, ou quase nada,
além de coisas básicas,
aos seus proporcionava.

Morreu como viveu meu pai,
triste, ébrio e endividado
– um destino tão vulgar

que precisa ser reinventado.

4.

Este nome antepassado,
tu, meu filho, repetirás
para que seja memorável

não a morte, essa madrasta,
mas o amor, firme pedra
em que se edifica a casa,

seiva que às flores leva
o viço e também o vigor,
permitindo a primavera.

Quem a ti te nomeou
não foi a morte nem
a trajetória torta do avô,

mas a força que contém
o futuro como cápsula
abrindo-se apenas a quem

tem a terra e traz a água,
cultuando diariamente
o sol que não se apaga.

Tu és a nova semente.
Antes de ti havia a árvore,
e fomos o sol poente,

aquecendo a terra à tarde
e também em cada fresta
permitindo a umidade.

A tua história é esta,
faze dela horta fértil
onde toda planta cresce

contra o que a infesta.

5.

Contrarias até a semântica.
Antônio apenas significava
“aquele que veio antes”.

Chegaste um tanto atrasado.
Somos hoje quase velhos,
tudo vendo com olhos baços.

Nosso mundo é sem remédio,
o depois é um país terrível.
Perdemos os últimos credos.

Distendemos quanto possível
as hastes da genealogia
e no fim nasceu um início.

Chegou aquele que chegaria,
aquele que veio depois,
na noite instalando o dia.

Ele apareceu para nos depor,
para render esses vigias
e dar enfim folga aos dois.

Nele, nova ronda principia.
Nasça quando puder nascer
que será sempre bem-vinda

a vida que nunca há de se
render. Chegaste agora,
o sol se levanta por você.

Todo momento é boa hora.
E qualquer tempo, suficiente
para partilhar da história

daquele que veio pra sempre.

MIGUEL SANCHES NETO

Escritor e ensaísta paranaense, autor de
Então você quer ser escritor (Record, 2011),
dentre mais de uma dezena de livros.

Para ser sincero

CONTO DE ANDRÉ SANT'ANNA

Era cedo demais e ligaram. Bem que podia ser de um banco, do telemarketing de um cartão de crédito. Eu fazia aquela mulher falsa falar um monte, explicando cada vantagem daquele cartão que eu não preciso. No final, aquela mulher falsa perguntaria “e então, qual é o número do seu CPF, o seu endereço, o seu telefone para contato, o seu telefone comercial, o seu celular, é casado, quantos filhos?” e eu responderia que não informo dados pessoais a estranhos pelo telefone, que eu não gosto de cartão de crédito, que eu só compro o que posso pagar à vista, que eu sou comunista, que eu detesto bancos, que eu detesto banqueiros, que eu detesto telemarketing, que aquele cartão de crédito que você, mulher falsa do telemarketing, está tentando me empurrar é para o banco fazer eu ficar devendo dinheiro para ele, o banco, dinheiro esse que o banco aplicaria em negócios sujos lucrativos internacionais do tipo indústria automobilística, fabricação de armas, ou alguma outra coisa suja que polua, mate ou escravize pessoas no Nordeste, no Norte, no Centro-Oeste, na África, na Ásia, gerando um lucro enorme, sempre sob a proteção do Governo, que faz questão de manter a alta lucratividade dos bancos, lucratividade recorde, para que eles, os bancos continuem sustentando Governos, continuem sustentando as campanhas eleitorais desses caras que se elegem e que favorecem esses bancos que querem me endividar e que querem lucrar sempre e que precisam lucrar sempre, muito, para financiar as campanhas desses caras que querem manter esses bancos sempre em alta lucratividade para que esses bancos financiem sempre as campanhas eleitorais desses caras que querem lucrar sempre.

Mas não era, no telefone, a mulher falsa do cartão de crédito que me endividaria caso eu não fosse comunista.

Era a mulher das crianças com câncer.

A mulher das crianças com câncer também é falsa. É falsa por uma causa nobre.

A mulher das crianças com câncer, que não pensava nada em mim, que não se preocupava nem um pouco com a minha saúde, com a minha felicidade, com o meu Natal, com a minha família, que estava preocupada apenas com as crianças com câncer, perguntou se estava tudo bem com o senhor, o senhor sou eu, se o senhor, eu, havia passado bem o Natal, se estava tudo bem com a família do senhor e eu resolvi dizer a verdade e a verdade não é nada boa para as crianças com câncer, que precisam de dinheiro, que é a coisa mais importante que existe, principalmente para crianças com câncer, que precisam tomar um leite especial, que a indústria de produzir leite até fornece com um desconto especial para a instituição da mulher que é falsa por uma causa nobre.

Para ser sincero, eu disse que meu Natal e meu ano novo não foram legais, que eu fui visitar minha família, na praia, e a cidade de praia estava cheia de uma gente meio pobre, uma gente de uma classe baixa alta, dirigindo uns carros pagos em trocentas prestações, uma gente meio gorda com umas espinhas e umas perebas nas caras e nas bundas, umas crianças balofas comendo pastel, comendo qualquer coisa, comprando tudo, iogurte com corante, batata frita de saquinho, ouvindo música ruim, muito alto, não dava nem para ouvir o barulho do mar, e cerveja, e os caras mais pobres ainda, da classe baixa média, esses que são meio urubus, que ficam com os restos, reciclando lata de alumínio, pedindo para olhar o carro, uns adolescentes do sexo masculino, em bando, fazendo escatologia, entupindo vasos sanitários, dizendo grossuras para as meninas de classe baixa alta, todas também meio gordinhas, e eu me sentindo meio incomodado, meio que com um vazio existencial

profundo. Eu disse para a mulher das crianças com câncer que eu não queria ser governado por essa gente de classe baixa alta, que está botando pra quebrar, olê olá, comprando coisas financiadas em trocentas prestações, cheias de juros, aumentando ainda mais a alta lucratividade dos cartões de crédito dos bancos, eu disse para a mulher das crianças com câncer que esqueceram de conscientizar o proletariado, eu disse que esse povo de classe baixa alta é nojento, eu que gostava daquela classe baixa que era baixíssima, aquela gente pobre e limpinha que, em qualquer praia desse litoral brasileiro que era lindo, estava lá, fritando peixe pra gente que viajava por essas praias maravilhosas do Brasil, e essa turma da classe baixa baixa, à beira-mar, até contava histórias do mar e era antigamente, nos bons tempos, essas parada. Eu disse para a mulher do câncer, que era uma mulher de instituição ligada a uma instituição religiosa dessas, aí, que acreditam em Cristo como única salvação para a humanidade, que não tem salvação alguma, óbvio, que o Cristo avisou, disse, lá, que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus. Eu disse que essa classe baixa alta vai toda para o Inferno, quando morrer, porque essa gente de classe baixa alta quer comprar tudo, quer é dinheiro que é a coisa mais

importante que existe. E eu disse para o câncer da instituição religiosa que o Demônio existe e é o dinheiro. Eu disse a ela que eu, naquela praia, estava cada vez mais velho, morrendo, tudo doendo no coração e eu tive que dizer para a mulher falsa, falsa por uma boa causa, que é o câncer das crianças pobres, que a indústria de produzir leite, ao invés de dar um desconto na venda do leite especial das crianças com câncer, deveria era dar o leite de graça, já que eu, da classe média média, já pago impostos demais e sofro muito com medo de uma velhice de classe baixa média, mas eu sei que a indústria que produz leite não pode abrir mão de seus lucros, já que lucro é a coisa mais importante que existe para uma empresa e eu e os meus pais e a classe baixa alta estamos morrendo todos, bem feito. Eu disse para a mulher das crianças que estavam com câncer que ela não deveria pedir esmola a esse pessoal da classe média média. Eu disse que ela deveria era convencer a classe baixa alta a fazer uma revolução comunista e obrigar a indústria de produzir leite a salvar as crianças com câncer.

E eu não doeie dinheiro algum para as crianças que vão morrer de câncer.



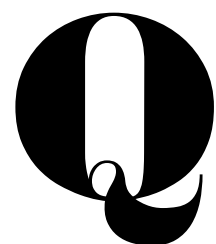
Carlos Wolney

ANDRÉ SANT'ANNA

nasceu em Belo Horizonte, mas vive há muitos anos em São Paulo. É autor da trilogia *Amor* (1998), *Sexo* (1999) e *Sexo e amizade* (2007), além do romance *O paraíso é bem bacana* (2006).

POEMAS DE ANDITYAS SOARES DE MOURA

O LONGO PERCURSO



Quantas vezes tenho voltado a *Algo Indecifavelmente Veloz* – Antologia Poética de Andityas Soares de Moura (S. Mamede de Infesta, Edium Editores, 2007)? Sempre no intuito de compreender os poemas perpassados pela cultura clássica, com seus versos raros, de musicalidade própria, de lirismo denso, de ambientes arcaico-modernos.

Lêem-se, com as palavras do poeta, os surtos do despertar da Língua Portuguesa, tendo o autor ousado expressões galegas ou medievais, no sentido de carregar os poemas das remissões de momentos áureos da atmosfera lírica. Por mais ingênuos que pareçam os cantos, com suas anáforas, seus rondós e repetições, mais transmitem a essência da criação poética, a recolher nos versos a síntese das paixões humanas. Trazem a inocência e o frescor da infância cultural do ser humano.

É como o faz o poeta Andityas Soares de Moura, inspirado tradutor e erudito ensaísta. Há trechos da Antologia em que o leitor se concentra e tem a noção veloz da eternidade da poesia. Desde os albores, até hoje, o que se buscam são respostas às perguntas acerca do enigma da condição humana. A qualidade polissêmica dos signos, a cogitação profunda acerca das circunstâncias dos dias, a complexidade sem termo da mente, a articulação insofrida ao redor da consciência da morte, os apelos energéticos do amor e da vida, tudo se aglutina para que a linguagem da beleza estética acuda às exigências existenciais e às intencionalidades do espírito. Trata-se de buscar a paz na guerra dos motivos pessoais e coletivos. Ou, talvez, definir o território da poesia no qual se lavam as carências e inibições.

O lado aparentemente poliglota do poeta, artesão caprichoso, conglomeram reminiscências do ser profundo do Ocidente: ditos latinos, epítetos galaico-portugueses, glosas castelhanas, radicais gregos, monumentalização dos temas, mitificação do pobre cotidiano.

É na última cláusula que o passado remoto se remoça e perfila as flores do mal com que Baudelaire atualizou a herança e deu ao dia-a-dia

urbano o aroma da poesia. Andityas não foge aos temas da modernidade por amor do antigo. Vejamos parcela do poema “Caminho da mãe” em que o tom confessional guarda as alturas das conexões culturais: “Não nos falamos muito./ Nos jardins de Minas/ – agreste Minas onde/ mamãe me pariu –/ se ensina que a palavra/ só não vira equívoco/ quando é pouca/ e sussurrada” (ob. cit., p. 125).

É largo o repertório da Antologia. Eis que se abre aos olhos do bom leitor a paródia audaz de uma cantiga d’amigo: “Em romaria, rumo à ermida de Mestre Requeixo”, fervente declaração de amor na voz feminina. A que se segue, na coletânea de Andityas Soares de Moura, a ingênua “Troba d’or” armada em cinco subtextos. E na seguinte coleção de inéditos (daquela publicação de 2007), o poeta tem artes de glosar em termos arcádicos a bela “Canção do pastor”, modernizada pelo andante de Mozart e pelo erotismo descritivo. E a Grécia se insinua na “Inscrição funerária órfica” (ob. cit., p. 142).

São inúmeras as opções de leitura. Exemplo: “D’O Evangelho de Judas” e, adiante, a “Elegia a William Blake”. E os títulos não correspondentes dos textos (“Sinos”, “Houve trovoadas” etc)? E os (sub)poemas à direita do texto impresso? E as dores do mundo a florir por entre as pétalas, os cães e os cavalos? E a originalidade das metáforas? E o simbolismo oculto? E os títulos de gramaticalidade duvidosa (“Raposamente”) ou de puro conteúdo poético: “*Años y años trabajé para hacerte/ antes de oír un solo sonido de tu alma*”? E a arte da não-poesia: “Língua do fogo do não”?

Do poeta Andityas muitos são os caminhos. A sua Antologia transpira as encruzilhadas da literatura hodierna, um verdadeiro arco-íris a ligar a aurora ao crepúsculo. Uma trama da Vida com a Morte, fragmentos de uma totalidade perdida.

SARABANDA

I

Amo tua boca devastada por fumaças diabólicas,
o lento estender-se, volatilidade azul,
teus cometas me espezinhando numa tarde,
aquela, aquela mesmo que se aproxima da noite sempre-veloz,
nossas putarias faladas sem o som dos suicídios,
signatura rerum de todas as coisas, meu amor:
as odes rebeldes de um Homero jovem e bêbado,
de um Jorge Luis que bem enxerga na tua flor
os prados fendidos de Afrodite (Empédocles, fr. 66),
vermelha de ferrugem, lisa à maneira de liso peixe,
e ele piscaria um olho obsceno e a beijaria,
destronando assim Todos os Satãs.

II

A perfeita música está no aço,
indeflectível, majestosa, tensa,
a que não pode se repetir.
Nem se perder. Um calafrio entre os dedos
que acabam de acordar,
os sinais ao longe, pequenos brilhos,
você centopeia com uma antiga graphia,
cintilando, com os nervos cheios de
oxigênio e carbono, bário e hélio,
aelius, o sol que nos falta nas nossas
noites de horas medidas, acesas
na pandemia de ti, de teu inverso tremor,
que permanece afásico, gozando,
esférico como o andrógino de Platão,
sem os deuses malditos da discórdia,
se sugando na fratura circular do Todo-Um,
círculo-cio-completo-fodam-se-os-deuses,
pensando em ti agora, escrevendo uma carta,
lambendo teu útero, te enchendo de pólen
sempre-vivo, de ti fazendo um livro
sem qualquer medida humana.

NOS ARREDORES DE SACHER

I

Somente Euclides viu a beleza nua,
lá nos desvãos da estrela, lá onde se cala,
onde conta e reconta os dedos, sorri,
se admira do saber contar, do seu claro pensar.
A nós nos restam prazeres mais baixos
de que participem ceras, óleos, incensos,
o venenoso antimônio, cervejas sinistras,
sem excluir a repulsa da carne, o proibido,
aquilo que não se ensina, que não se aprende,
o que se faz sempre com vergonha e urgência.

II

Para além do arquejar moribundo dos conceitos
é o coágulo de teu coração que me demora,
que me suja em longas esperas
enquanto linhas de petróleo
se desenham quentes
na tua bunda dourada de suor,
de esforços, de fadigas.
São dois cães lamuriosos,
mas mansos e indolentes – e luminosas escuridões
ameaçam a beleza nua? desfrutem de sua goela?
de como é profunda líquida vermelha rosa visceral?
sugerem prazer arredo, do que vai doer?
despem-na, ao menos? tratam-na como *beleza*?
Ou como *nua*? Pois é preciso optar:
neste mundo a beleza nunca se desnuda,
nem a nudez se rebaixa a ser bela.
Por isso nos foi dado
o vinil, o aço, o destempero,
as botas com que me pisas.

JEAN MONLEVADE



Zota Coelho

DO CASTELO À FORJA

GUSTAVO PRANDINI

O

O romance *Jean de Monlevade, do Castelo à Forja* foi escrito e publicado em 2009 e vem reparar um retardo de mais de cento e trinta anos. Fundador da cidade mineira de João Monlevade, o francês Jean

Antoine Felix Dissandes de Monlevade, faleceu em 1872.

Um tributo que cobre as paisagens e relações desconhecidas que Monlevade vivenciou durante os anos em que permaneceu na França. Ou, metaforicamente, o cadinho com que o autor procurou moldar fantasiosamente sua legendária figura. Nele, as cores e ideias revolucionárias abraçadas pelo império napoleônico se misturam com as maravilhosas possibilidades do Brasil dos oitocentos. Daí os panoramas cobrirem desde o dia a dia de uma vila francesa do interior até as imagens históricas da então decadente Vila Rica. Painéis contraditórios em termos nacionais. Foi o que Monlevade encontrou ao aportar no Rio de Janeiro em 1817.

A encrascada situação criada pelo capitão Agostinho Ferro de imediato fez com que entendesse o modo de condução do império dos lusitanos.

É dentro deste cenário que Jairo Souza nos adverte logo em suas páginas iniciais quanto ao caráter eventualmente defeituoso de sua obra: *“ne vous inquiétez pas, l’imagination humaine est plus pauvre que la réalité!”* (não vos preocupeis, a imaginação humana é bem mais pobre do que a realidade). A frase, além de reforçar, em termos linguísticos, as origens do seu protagonista, é alerta para tomada irrevogável de consciência do seu leitor: as coisas da história de Monlevade podem ter sido inclusive mais ricas e mais espinhosas do que tomará romanticamente conhecimento à medida que avançar no texto.

E toma o rumo de sua ficção, conduzindo a nau da vida do engenheiro europeu claramente desejoso de elegê-lo futuro herói de sua cidade nos dias de hoje. O sangue não jorra violentamente nas páginas idealizadas de sua vida.

É herói sem mosquete, desprovido de baionetas, de adagas ou punhais. Sua arma, enfim, é o espírito sagaz acompanhado de boa dose de esforço e ousadia. Desde o começo, o que interessa é a materialização de um ícone esquecido nos porões escurecidos do imaginário da região metalúrgica das alterosas. Uma miniatura de qualidade que se desenvolve na escrita e se torna gigante desde os tempos de infância nas belas terras do maciço central francês. Modelo quase perfeito, próximo aos do mundo das ideias de Platão. A partir daí segue para os acessórios, para os acabamentos que adornarão seus contornos. A menina dos olhos das intenções das páginas deste romance biográfico.

No entanto, fora do imaginário dos “sonhos” do jovem Monlevade ocorre, por exemplo, outro modo de ver sua passagem permanente por nossas terras. Para mais de seu espírito empreendedor, Monlevade também pode ter vindo para o futuro Vale do Aço das Geraes fugindo das agruras e consequências do pós-revolução francês do primeiro quartil do século dezenove.

É o que, em meio a outras peculiares anotações sobre a narrativa de Jairo Souza, pondera com estilo atraente, e bastante particular, o conselheiro português em Minas Gerais, e também crítico literário, André Sopas Bandeira de Mello, conforme postado em seu blog Duas Cidades, em novembro de 2010.

“LVIII (Re)leituras – Jean Monlevade, de Jairo Martins de Souza, por André Bandeira

Eis aqui um bom exemplo de literatura regional. Um município de 80.000 almas, perto de Belo Horizonte, tem o nome de um dos primeiros alunos da Escola Politécnica de Paris, que fundou a cidade: Jean Monlevade. Numa prosa cuidadosa e com um sublimar sentido de humor, o autor faz a

arqueologia, direi, industrial, desse município brasileiro associado à siderurgia. Minas Gerais tem hoje uma das maiores taxas anuais de crescimento do mundo e esse fato deve-se, também, à exportação do minério de ferro. Por isso mesmo, o romance, bem construído (talvez com pouca definição das personagens secundárias), faz uma arqueologia do futuro. Em termos científicos (que, devido à formação do autor, são também da História das Ciências) o livro permitiu-me constatar que há uma arqueologia industrial de futuros antigos, no interior do Brasil. Em termos morais, isso faz o autor achar engraçados alguns pormenores dum quotidiano, nomeadamente português, do passado do Brasil, que facilmente podem levar aquele, nadando no meio da corrente espessa da narrativa, a enfurecer-se com o seu próprio passado. É que um passado, que é apenas um futuro, e uma ideia de futuro, não é apenas um passado. É uma ideia que se revolta por não nascer. Mas o passado do Brasil é muito mais um ridículo D. João VI, desembarcando no Rio, com a mulher e a filha, piolhosas, do que um aluno do Politécnico de Paris, investido pessoalmente por Napoleão. No rei barrigudo português há já muito daquele passado mediterrânico e africano que foi construindo o Brasil, apesar de não ter a disciplina e a auto-flagelação de um sistema franco, comandado por um corso sem escrúpulos. Não nego a pluralidade das origens europeias que formaram o Brasil. Prefiro, contudo, pensar num Jean de Monlevade que fugia duma Europa talada pela violência, pela purga e pela traição, e que pensava encontrar no Brasil uma harmonia entre a Razão e os seus bosques franceses do Antigo Regime, então fuzilados e guilhotinados pela modernidade. Veja-se a gravura da capa. O Porvir, ao contrário do Futuro, é uma mistura surpreendente do Passado e do Futuro.

É ponto de vista interessante, aguçado e passível de aceitação em termos históricos e racionais.

Já o do autor pode ser prontamente entendido por meio de rápida mirada na contracapa da própria obra. De imediato toma-se conhecimento de algumas inquietações da mãe do próprio Monlevade, ansiosa com os avassaladores desdobramentos da revolução francesa sobre a vida da burguesia rural, da qual era integrante. O anúncio da natureza de resgate histórico de Jean Monlevade, como ser humano extraordinário, explode aos olhos do leitor:

“A privilegiada intuição de Felicité Sallé do Sioudray Monlevade não era dada a falhas. Antes da chegada do pequeno Jean ao mundo já vaticinava que o filho perpetuaria o nome dos Dissandes de Monlevade. Nos tempos cruéis e sanguinolentos da famosa Revolução Francesa esta era a principal preocupação do fidalgo Jean François, seu amado marido. Tinha razão. Jean Antoine Felix Dissandes

Zota Coelho



de Monlevade não escolheu usufruir as bem-aventuranças que o berço de nobreza lhe concedia. A inteligência aguda e o espírito aberto a aventuras fizeram-no seguir pelos difíceis caminhos dos trópicos em que poucos europeus de sua qualificação se aventuravam. Veio para o Brésil! Fez fortuna no Vale do Piracicaba, e impôs o seu estilo elegante de trabalho árduo e vida social harmoniosa. Existência refinada, quase lendária, e regulada pelos princípios notáveis que derrubaram a Velha Monarquia. As missões extraordinárias das quais fora incumbido – a do fidalgo seu pai, e a do império de Luís XVIII, saíram-lhe melhor que a encomenda. O brasão dos Dissandes de Monlevade espalhou-se pelo mundo e, ainda que sob outras bandeiras, prossegue sendo dignificado em todos os continentes em que se consome o aço com avidez. O velho fidalgo Jean François ficaria orgulhoso do seu produto!”



Zota Coelho

É ao cerrar as páginas finais os leitores entendem por inteiro a ambição fantasiosa da narrativa. A visão do músico e ensaísta alvinopolense, Marcos Martino, é, neste sentido, modelar e muito perspicaz. O atual presidente da Fundação Casa da Cultura do município de João Monlevade (2011) assinou o texto abaixo no blog “cenariosbomdia”.

“O livro Jean Monlevade, do Castelo à Forja é simplesmente delicioso. A partir de informações encontradas em pouquíssimas fontes, o autor Jairo Martins de Souza costurou uma estória que pra mim ficou sendo a história ... a leitura do livro faz lembrar Harry Potter.... Impossível ler o livro do Jairo sem se referenciar no cinema. A maneira encontrada pra contar a história, de recorrer aos flashbacks, de criar personagens fantásticos, da citação das habilidades especiais do herói.... da saga da viagem marítima, dos romances e da montagem da fundição oferecem um roteiro pronto para uma novela de época, um filme e outros desdobramentos...”

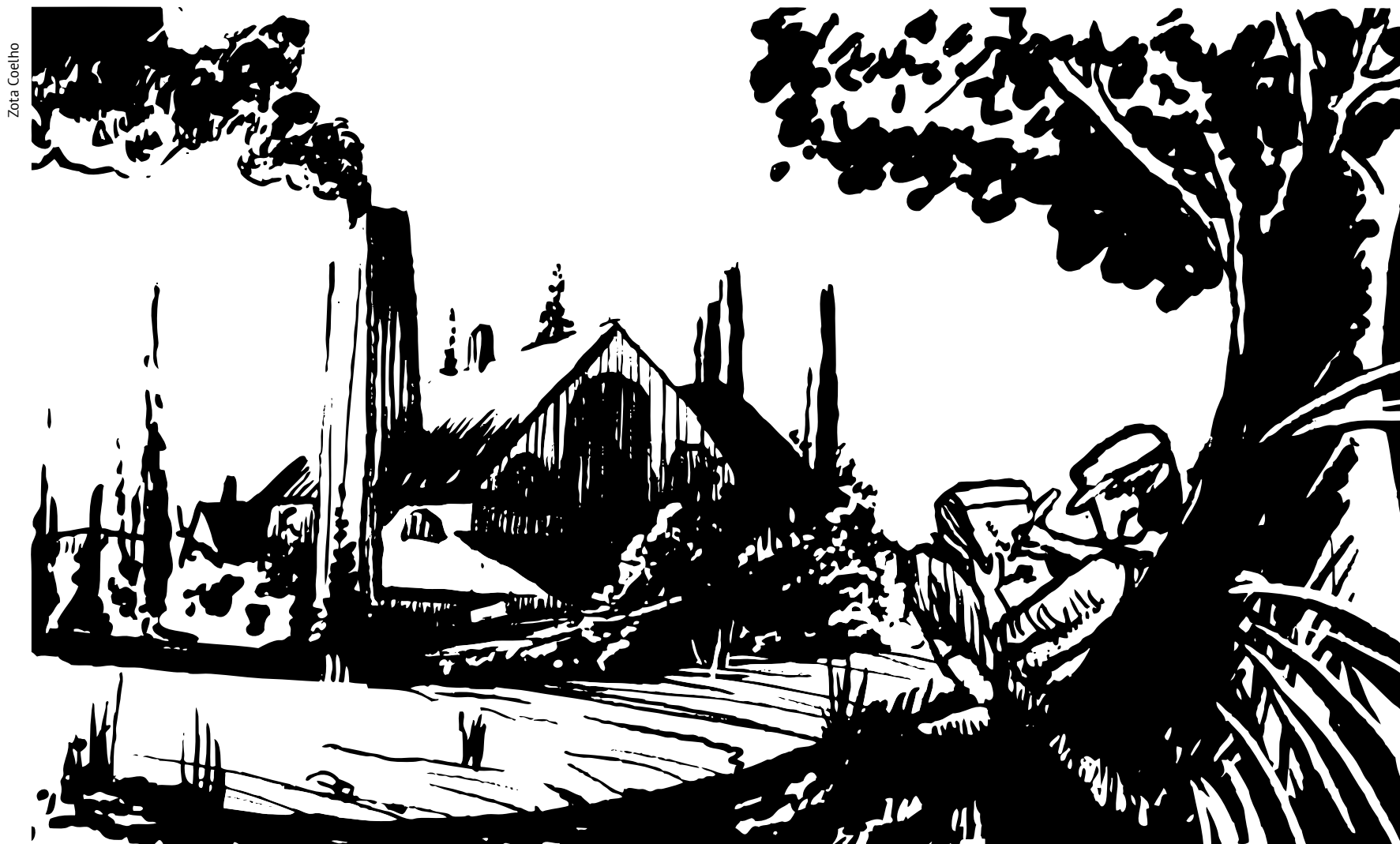
Para tanto, o narrador onisciente e contemporâneo, que ouve o relato do estrangeiro e o batiza com o sugestivo nome de Tisserand (*tecelão*, p.14), sabe que este não tem assim tamanhos poderes. Não pode tecer, fiar, costurar ou dar muitos novos termos aos pontos essenciais da vida do herói monlevadense. Não tem, alegoricamente, a imprescindível potência concentrada nas mãos das Parcas: as mitológicas deusas que engendram a vida dos humanos. É simplesmente o interlocutor que, ao fim e ao cabo, transmite e esclarece toda a trama ao leitor. A sala de visitas pública, na qual ouve o relato extraordinário de Tisserand, é uma tranquila praça de cidade interiorana. O clima de bucolismo é intenso. Mas há algo de “fantástico” circundando o ambiente. Por exemplo, não acontece necessariamente uma linearidade no tempo que, em algumas

ocasiões, tem o fito de surpreender o leitor. Assim entende e explica que, em termos de governança, o Brasil de hoje pouco mudou em relação ao período colonial.

Os episódios conhecidos da existência real de Monlevade são em pequeno número. Mas qualificados. Daí outro motivo a proibir-lhe engendrar situações muito diferentes das que relata. Mas Monsieur Tisserand é, sob certos aspectos, verdadeiramente o dono da história. Convence o leitor a prosseguir tomando conhecimento da trama com certo grau de curiosidade, ainda que o final seja sobejamente conhecido pelos historiadores e não permita o aparecimento de grandes surpresas. Ledo engano. O fecho é surpreendente, pujante.

O intelectual e historiador monlevadense Geraldo Eustáquio Ferreira, “professor Dadinho”, escreve com visão apaixonada por sua terra e resume bem a mistura de sentimentos e dados reais que acompanham a trajetória de vida do engenheiro na obra de Jairo.

“As origens de João Monlevade, cidade siderúrgica de Minas Gerais, remontam ao ano de 1817 quando aportou no Brasil o cidadão francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade. Engenheiro formado pela duríssima école des Mines de Paris, viera aceitando comissão do governo de Luís XVIII para estudar os recursos minerais do Brasil. Seduzido pelas riquezas geológicas da região, acabou fixando-se em Rio Piracicaba e ali instalou uma forja catalã que se tornaria a gênese da indústria do aço de Minas Gerais. Nos últimos anos, malgrado a ausência de trabalhos acadêmicos e historiográficos, o povo monlevadense tem reconhecido cada vez mais a amplitude de sua obra e o fascínio exercido por sua brilhante personalidade. Jean Monlevade, do Castelo à Forja não se inscreve no rol das escassas produções científicas produzidas sobre a maior personalidade do



Zota Coelho

município. No entanto, preenche com maestria aquela lacuna e agrega conhecimentos e informações que muito contribuirão para manter viva a sua memória. O autor, valendo-se do caráter ficcional de sua narrativa, percorre com criatividade os caminhos trilhados por Jean Monlevade desde a mais tenra idade na cidade de Guéret até os primeiros anos de sua permanência em Minas Gerais. É escrita repleta de fantasia, mas não lhe falta o rigor histórico. E transita no cenário revolucionário da França libertária do século XVIII com a mesma verossimilhança com que percorre as estradas de Minas Gerais dos primórdios do século XIX. O resultado é romance cujo enredo não se cristaliza no passado, pois por meio de um narrador contemporâneo – Monsieur Tisserand – faz-nos ler os acontecimentos sob a perspectiva dos tempos atuais. Destarte, nosso conterrâneo Jairo Martins de Souza, com sua nova obra, não sai de “trás das vitrines” do menino do Bazar Monlevade e, com as lentes do jovem que decifrou o Dossiê Monlevade, lança mais uma vez sua visão apaixonada sobre as origens de sua cidade. Acompanhem-lo, caro leitor, nesse novo olhar sobre Jean de

Monlevade, revivendo sua saga do Castelo, que a concebe e enobrece, até à Forja, que a tempera e eterniza”.

Na saga de Monlevade, Monsieur Tisserand não somente abre os espaços geográficos do texto de maneira sistemática como também apresenta, de forma paulatina, os escritos de certo vigário-geral que viveu durante quase todo o andamento do século dezenove. Era parente próximo de Monlevade e os documentos do seu espólio haviam sido descuidadamente abandonados por longos anos. Este personagem também secundário é, indiretamente, o grande e fiel depositário da vida romanceada de Monlevade. Cidadão digno de confiança, conforme nos antecipa o narrador por meio de informações muito antigas, nos deixa a segura sensação de que coisas boas emergirão à medida que as páginas forem passadas. Percebe-se isso desde os primeiros parágrafos da obra.

E não é sem razão que em sua capa consta ilustração feita a partir da pintura de 1834 do paisagista germânico Karl Eduard Ferdinand

Blechen. O miolo de sua tela ‘Fundição em Eberswalde’ quer retratar os sonhos inconscientes de Monlevade espelhados em fuligens da chaminé que, voando alto, chegam aos céus virgens do Brasil. Foi imaginariamente o ponto de partida para sua arriscada travessia do Atlântico.

Mais adiante, Jairo posiciona os sítios de sua trama em três locais bem distintos. Guéret (local de nascimento de Jean Monlevade), Paris e *Brésil*. Ou, como se dividiam as fases da vida em tempos passados. Infância. Idade adulta. Velhice. Ficcionalmente ou em termos reais, o festejado protagonista teve existência longa e edificante em tempos que se vivia muito pouco. Sua herança benfazeja foi absolutamente autêntica. E, ademais da sua influência na incipiente metalurgia brasileira, é merecidamente chamado o “pioneiro francês da siderurgia brasileira”, a fortíssima valorização da cultura de sua terra de origem prevaleceu no Brasil até algumas décadas dos anos noventa.

Depois caiu vertiginosamente. E, contrastando com este fato, foi exatamente o período em que o francês Monlevade foi reconhecido socialmente como cidadão brasileiro com a colocação do seu nome na certidão de batismo da cidade nascida nas cercanias de sua antiga propriedade. Em 1948.

Em suas aventuras, a amizade iniciada ainda nos tempos de infância com os merceeiros e homens do mar Platini e Fontaine tem peso excepcional. E não se esgota até o fim dos seus dias. É por meio de gente como eles que o pequeno Monlevade acorda seus instintos de viajante. Aí, comparecendo assentado em sacos de mantimentos no estabelecimento comercial dos dois amigos, se vê clara intertextualidade com o singelo *Pequeno Lord (Little Lord Fauntleroy)*, de Frances Hodgson Burnett, de 1886. Não menos importantes são as profícuas relações mantidas com a família do capitão João Gomes Abreu de Freitas e seu filho que busca complementar estudos médicos em Paris. Este último é protagonista meteórico, contudo marcante e encantador para todos que têm o prazer de conhecê-lo. Também o instante da linha do tempo em que Tisserand faz o seu relato é período em que as relações de companheirismo foram absolutamente privilegiadas em termos da arte. Até mesmo em relações genuinamente desiguais, pois não há naqueles dias Robinson Crusó sem Sexta-feira. Nem Zorro sem o ativo índio Tonto. Nem Mandrake sem o gigante africano Lothar.

É o porquê de também Monlevade não poder também ilusoriamente ter existido sem “um braço direito”. E o

desditoso garoto Martinho provou ser personagem à altura do seu amigo e patrão. Assim como o cachorro Breu, o *noir*, que o acompanha por gerações e gerações. Equivale por trás das cortinas do texto ao “espírito que anda” do Fantasma do cartunista americano Lee Falk. A festejada amizade entre o homem e seu cão, no caso do engenheiro francês, pode também ser equiparada às vísceras tornadas saudáveis de Prometeu no vale de lágrimas terrestre. Daí sugere-se em termos psicológicos a existência extraordinária do seu cão que, incansavelmente, sobrevive a ele mesmo.

O Breu não foi o único animal de estimação de Monlevade nas páginas do romance. Ainda na França, durante a infância, acompanhava-o em especial certo burro, dito geólogo, Geo. É clara alusão à cultura recente do município de Monlevade. Poucos da região desconhecem a história que tem como personagem o famoso “chapa” das carroças de extinto empório da localidade. O burro do Geo. O armazém do Geo foi um “secos e molhados” que atendeu à região durante gerações. Faz parte da memória dos monlevadenses e é cada mais cantado em verso e prosa pelos artistas locais. Razão suficiente para ser colocado novamente a serviço de Monlevade.

A passagem pelo Rio de 1817 é pontuada de bons momentos literários. Contudo Monlevade é, essencialmente, Minas. Esteve presente em outras cidades da região fértil e mais intensamente em Vila Rica, que é capítulo à parte. As centenárias edificações miraculosamente conservadas propiciam ao narrador descrições ricas em detalhes. E foi no seu palácio dos governadores, hoje prédio usado pela Escola de Minas, que participou de refinado jantar promovido pelo chefe de província. Neste evento conheceu, segundo a trama, a gentil Clara Sofia de Souza Vasco Fernandes Coutinho, sua futura esposa.

Nosso herói busca ser absolutamente ético desde tenra idade. As palavras famosas de Agostinho justificam isso na prática: conhece-se o homem por suas obras. Ou pelos efeitos do seu trabalho na natureza. Talvez um contraponto, que nos é colocado pelo autor, quanto à situação absurda, quanto a princípios, em que o Brasil se encontra nos dias atuais. Precisa-se de modelos públicos dignos de admiração. Para tanto a sombra altiva do pai e as instruções não somente do seu dileto professor Duchamps como também as do incansável padre Ribéry seguem de perto todos os seus passos pelas trilhas da vida. São personagens secundários indispensáveis à formação do sólido caráter de

Monlevade. Um modelo de comportamento para os novos monlevadenses. Moldado dentro de sua própria casa e a ser reverenciado e seguido. Para tanto o protagonista lê muito, é ávido pelo conhecimento e busca transcender em relação aos hábitos vigentes em sua geração. Um verdadeiro visionário. É o recado indireto que Jairo tenta passar aos seus leitores. O trato que dedicava aos seus escravos originários da África era exemplar para os padrões da época. Não há registros de gravidez e abandono de negras jovens tal como vastamente acontecia na ocasião. Não há mulatos de olhos verdes com as feições escondidas do francês de olhos azuis. Não há relações incestuosas ou assassinatos em série. O costumeiro e magnetizante tema do mal é propositalmente abordado. É uma das verdades que o texto reforça agora alicerçado em conhecida tradição oral. Basta comparar com o tratamento dado aos milhões de Kunta Kinte que não somente foram embarcados para os Estados Unidos dos séculos dezoito e dezenove como também para o próprio Brasil. O capitão Monlevade não fazia pouco caso dos que o ajudavam a construir sua confortável situação financeira. Foi um homem além de seu tempo.

Entretanto trava algumas batalhas psicológicas quanto ao trato com as mulheres de sua vida. Os méritos da questão são sempre infundáveis e discutíveis mas, em termos freudianos, as relações amorosas com Angéline, Bernadette Du Lac e Clara Sofia carregam o pecado de ser absolutamente mornas. Os desejos casamenteiros das moças criadas para o lar são os mesmos desde que o mundo é mundo.

A trama, por outro viés, não economiza linhas ao contextualizar obras e autores de certa forma contemporâneos a Monlevade. Vitor Hugo, Austen, Flaubert e Poe são alguns dos homenageados. Tanto o livreiro parisiense Bénédict Dubois como outros personagens da história têm papéis absolutamente não secundários. Isso em termos de literatura. Pois, cinematograficamente, as sensações da *Belle de*

Jour, de Buñuel, podem ser percebidas quando da chegada em cena da futura esposa do personagem Kostas Zavoudakis: Séverine Sorel. Séverine aponta para a enigmática mulher vivida por Kathérine Deneuve. Sorel, por sua vez, é o mesmo do ator Jean Sorel, o protagonista masculino. Ou o de Julien, a enigmática criação de Stendhal no clássico *O Vermelho e o Negro*. Outra referência imprescindível a qualquer que se interesse pela arte.

E, aí vai situação certamente autobiográfica, o autor identifica-se com seu herói colocando à tona o sempre pisado e repisado tema do espelho. Passou com brilho pela pena de grandes escritores. Cauchy, Monge, Lagrange, Carnot foram grandes matemáticos pertencentes à geração de Monlevade da difícil *Polytechnique*: desenvolveram grandes feitos intelectuais na disciplina. Jairo Souza é também engenheiro. A despeito de diferenças seculares, ambos estudaram a mesma geometria analítica, os mesmos cálculos diferenciais e integrais, enfim, tiveram indiretamente os mesmos mestres. Daí estes participarem recorrentemente em várias sequências da narrativa.

Montigny e Saint Hilaire, entre outros personagens destacados dos séculos dezoito e dezenove, são também, por diferentes razões, celebridades ficcionalmente incluídas entre os cordiais contatos do engenheiro Monlevade. Nessa esteira, o próprio Napoleão esteve e incentivou o então cadete Monlevade quando da cerimônia de sua admissão na renomada *Politécnica*.

No pós-escrito (p.352), Jairo Souza nos mostra o ambiente triste, mas sereno, com que foi cercada a morte de Monlevade. Morre-se bem, quando se vive bem. Dia nebuloso. Os escravos reclamam da sorte e lamentam a morte do senhor que lhes ensinou o sentido da expressão “bon jour”. Autoridades imperiais enaltecem as qualidades do defunto. A esposa chora com dignidade: esteve anos a fio ao lado de um genuíno fidalgo! As cinzas do seu amado ficarão eternamente encravadas nas

montanhas do Médio Piracicaba. O cemitério, por ele mesmo construído para abrigar os cadáveres dos escravos de sua fazenda, é o leito final. A ilustração artística (p.357) é mostrada tal como ainda existente nos tempos atuais. A fazenda e a fundição Monlevade entrarão em luto e decadência.

Dias melhores voltarão para o engenheiro francês e sua antiga e próspera fábrica. Virou nome de cidade e seu aço ainda é testemunha da qualidade das coisas das Geraes. A ficção de Jean Monlevade, do Castelo à Forja é mais uma delas.

GUSTAVO PRANDINI

é poeta e Prefeito Municipal de João Monlevade (MG).

Crueldade

CONTO DE LUCIENNE SAMÔR

Usuária de telefone público, utilizava-os diariamente. Tenho muitos amigos e conhecidos na cidade. Outros em cidades vizinhas. E era gostoso, delicioso, falar com eles. Eu não determinava horários rígidos para dar esses telefonemas. Descartava a parte da manhã. Escoava-se rapidamente. A tarde era mais propícia para fazer as ligações. Raramente havia alguém usando o telefone público e, se houvesse, a ligação não era demorada. Pegava o fone ainda quente do calor das mãos das outras pessoas. No bocal, resíduos de hálito nem sempre agradáveis. Paciência!

Num determinado dia, quando me dirigi ao telefone público, avistei uma moça que se agarrava ao aparelho. De corpo inteiro. Ao me aproximar, notei que ela me olhou e se colou ainda mais no bocal, e começou a sussurrar as palavras. Será que era para o namorado?, arrisquei. Ela continuou naquela postura grudada, sem olhar para os lados. Isolava-se como se estivesse em casa ou numa cabine fechada. As cabines fechadas davam maior privacidade. As que existiam foram retiradas, para desconforto dos usuários.

Bom, a moça continuava lá. Parecia que sua argumentação era infinita. E, como não havia bancos públicos, sentei-me à porta de um bar fechado. O tempo parecia não passar. Ela continuava sua longa conversação. Eu já estava ficando impaciente. O que poderia fazer? Havia outros telefones públicos, mas esses se encontravam mais distantes de minha casa. E tinha um problema. Um problemão! Os telefones

podiam estar mudos, danificados. Isso já acontecera antes. Percorrera várias ruas para telefonar e tentei em cinco telefones públicos. Todos estavam mudos. Havia sofrido a ação do vandalismo das gangues urbanas, de garotos pré-adolescentes. Mal encarados. Usando bermudas, camisetas, bonés e tênis sem cadarços, com as linguetas para fora. Sem meias. Magérrimos. Podia-se perceber os gambitos grudados nas bermudas. Semelhantes aos de cães vira-latas. Eram garotos de expressões carrancudas, com os cacetes nas mãos. O telefone público que eu usava era vigiado por alguns moradores próximos que também o utilizavam.

A moça continuava a conversar ao telefone. Agora, o tempo passava. As pessoas também. Algumas vindo do trabalho e outras indo para a escola, com livros e cadernos nas mãos. Eu já estava cansada de esperar a moça sair do telefone público. Anoitecia. Ela devia estar telefonando a cobrar. Era a opção real. Decepcionada por não conversar com o meu amigo, decidi voltar para casa. Pelo horário, não mais o encontraria no escritório. Ele já devia estar em trânsito. Retornando ao seu apartamento ou visitando clientes. Era designer. Decorava interiores de apartamentos. Também estava com sede. A moça parecia não sentir sede ou fome. Nem cansaço. Sentia-se confortável naquela postura. Suponho.

Voltei para casa irritada. O dia não se concluíra. Havia uma lacuna. Proporcionada pela moça. Quem seria ela? Eu nunca a vira. Nem ontem, nem anteontem. Fazer o quê? A vida estipula limitações, surpresas e imprevistos. Amanhã tentaria novamente. Como não havia nada especial naquela noite, decidi limpar a estante. Assim me distrairia do meu

aborrecimento. Com uma espanada na poeira diluiria a tristeza e a impotência daquela tarde.

No dia seguinte, não telefonei. Ao limpar a estante achei um convite para um aniversário de criança. E era naquela terça-feira, véspera de feriado. Pior do que ir a um aniversário de criança era assistir, contra a vontade, aos DVDs domésticos. De casamentos, debutantes, bodas de ouro, aniversários, batizados e de outras coisas infernais, inerentes aos tempos modernos. Charles Chaplin não viu tudo.

Nos aniversários de crianças sofre-se com a altura do som vomitado pelas caixas. A histeria das crianças. Os doces espalhados pelo chão, pisados, massacrados, pastas nojentas parecendo fezes.

“Ruim com ele, pior sem ele”, você já ouviu essa máxima? Era pior não ir, porque os pais da criança eram meus amigos. O Diabo articulava tão bem as coisas que era impossível fugir.

O evento ainda forçava a convivência com tios, tias, primos, primas, avós e avôs, ouvindo-os dizer sandices. O melhor momento era quando acabava. Aliás, eu não comentava com ninguém, senão poderiam esticar a festa. A falta de requinte e ética social eu já presenciara em outras festas. Quando eu dizia que não gostava de doces e gases gelados... era o que vinha na bandeja. Doces e gases gelados. O consolo era que aquilo passaria e logo eu voltaria para casa. Descansaria os pés tirando os sapatos, a roupa nova e outros adereços para me refestelar no sofá. Ufa, que vida dura!

Na quinta-feira, após o banho, fui telefonar. Quando me aproximei do telefone público, a moça estava lá. Agarradíssima. Ela olhou-me de esguelha e continuou a falar. Parecia que falava mais para si. Supostamente, o seu interlocutor seria fictício? Sei lá. Talvez ela fosse lunática. Continuou a se comportar da mesma maneira que na terça-feira. Mas, daquele dia, houve uma mudança de comportamento. Não, ela não me cedeu o telefone. Mas parece que, desta vez, ela usava um cartão. Os créditos acabaram, presumi, observando-a. Mesmo assim, ela se impôs uma nova conduta. Começou a teclar, em ritmos alternados, no aparelho. Sequer piscava. Concluí que seria inútil continuar a esperar, persistir, sacrificar-me por uma coisa que não aconteceria. Fui para casa decidida a não retornar ao telefone público nos horários coincidentes com os da moça. Assim fiz. No outro dia e em outro horário o telefone público estava vazio, disponível. Consegui então efetuar as minhas ligações.

Passaram-se algumas semanas e, andando pela rua, avistei a moça do telefone em companhia de duas mulheres. Uma, matrona, de quadris largos, devia ser a mãe. A outra, bisonha, a irmã. De focinhos, eram idênticas. Pode ter mudado de bairro, rua ou até mesmo de cidade. Era-me indiferente. O tempo passou rapidamente e parece que ela se evaporou. Não sei que fim levou a moça. Você sabe?



LUCIENNE SAMÔR

mineira de Conselheiro Lafaiete, participou da revista Estória nos anos 60. Publicou um único livro de contos, *O olho insano*, em 1975.

TEMPO E LITERATURA

LUÍS GONZAGA VIEIRA

Cada tempo tem seu estilo literário, aquele estilo que predomina em determinado tempo, e também em determinado espaço, já que a literatura de um egípcio, por exemplo, não é a mesma de um brasileiro, mesmo se tratando de seres humanos: não tenho a mínima ideia da literatura que se faz na Lituânia, e eles também não têm a mínima ideia do que seja Brasil. Só ouvi falar de Ismail Kadaré algumas vezes, e até o momento não li nada dele. Também nunca li San Suu Kyi, escritora da Birmânia. Também só ouvi falar de Nestor Perlongher, tido como o maior poeta argentino de sua geração, quando ele morreu de aids aos 42 anos. A gente não conhece nem mesmo metade dos escritores do Uruguai ou da Argentina, por exemplo, a não ser nomes famosos como Onetti e Sábato, ou Borges e Cortázar. Mas, e a multidão de outros? Já ouviu falar em Ricardo Piglia (*Respiração Artificial*), Juan José Saer, Alberto Laiseca, Virgilio Piñera, Luis Gusmán? No México a gente só conhece nomes como Carlos Fuentes, Juan Rulfo, Octavio Paz. Mas, e Angeles Mastretta e Ethel Krause, de quem só li a respeito nos jornais? E Guadalupe Loaeza, Laura Esquivel? A gente, que mora no Rio, chega a desconhecer até mesmo a maioria dos escritores que atuam em São Paulo ou em Belo Horizonte (os cariocas conhecem Zulmira Ribeiro e Marilene Felinto?), a gente só conhece o grupinho de sempre, esse mesmo grupinho que vive aparecendo em jornais e revistas. A gente não conhece direito nem mesmo os escritores do Rio. (Se bem que os meios de comunicação teriam que dar notícias de todos, ou de um número significativo.) Quer dizer: nossa ignorância e desinformação são terríveis, e dolorosas. O que podemos fazer é diminuir sempre essa nossa ignorância e desinformação. Ler Faulkner, tudo bem, mas sem esquecer Ralph Ellison, preto norte-americano que

escreveu *Homem Invisível*. (O preto é tão desprezado que se torna invisível..) Sem também esquecer a preta Toni Morrison, que escreveu *Amada*, Prêmio Pulitzer. Sem esquecer ninguém de valor, dentro do possível.

Portanto, se a gente tem essa preocupação de levar tudo em consideração, de se interessar por tudo, então a gente estranha que cada um esteja grudado no seu grupinho e desconhecendo os demais, menosprezando os demais (a maioria das cabeças não teria condições de abarcar o mundo, geralmente ignoram o Universo e os outros, o que não se trata de inferioridade, mas de oportunidade, supondo-se que em qualquer época a maioria se interessará por coisas como Universo e Terra). E isso acontece em literatura e em tudo. Procedem como se fossem independentes, como se só eles existissem, como se fossem superiores (como se a única coisa que existisse de importante fosse o umbigo deles). Não têm nem mesmo uma curiosidade intelectual mínima de saber o que se passa entre os seres humanos de todos os lugares (têm horizonte de ameba). Por exemplo: qual o maior sucesso musical da Alemanha? Qual o escritor de 30/40 anos mais visado no Japão? Por exemplo: só conheci o célebre cantor e compositor argentino Atahualpa Yupanqui quando os jornais noticiaram a morte dele aos 83 anos. E o que dizer da literatura atual da Nova Zelândia? E o que a Nova Zelândia saberia da literatura brasileira? E os novos escritores da Índia e da Grécia? E os escritores do mundo árabe? Conhece o escritor egípcio Nagib Mahfuz? Só conheço de nome, não li nada dele ainda. Por sinal, o poeta grego Katsimbalis perguntara a Henry Miller: quem lê grego, para não falar naqueles que são traduzidos, como Nikos Kazantzakis, por exemplo? (*O Colosso de Marússia* é o livro em que Henry Miller revela seu deslumbramento diante de Katsimbalis.) Em última análise, o que importa é que meus leitores sejam aqueles que moram em minha aldeia, o resto

seria acréscimo e, como tal, secundário (e não estou falando agora do problema financeiro). Mas sempre pensando que o mundo está cheio de aldeias com quem a gente procura se comunicar de um modo ou de outro, nesse ou naquele grau, supondo-se que ser humano seja um fator que mais aproxima do que isole. Independente da distância, têm todas essa coisa comum: são seres humanos, animais da mesma espécie, vivendo na Terra, à mercê do Universo. Cada um no seu gueto, mas todos animais racionais e todos acreditando na superioridade sobre os irracionais e sobre a natureza.

Quanto à literatura, são castas, em que pesem todo romantismo e idealismo em torno dela. E ninguém pode garantir que isso que estamos chamando de literatura vai existir sempre, ou vai existir dentro de um estilo semelhante ao de hoje, pelo simples motivo de que nada vai existir para sempre, tudo se transforma. Nada vai ser como é hoje (óbvio!) e, em última análise, não interessa se seremos lembrados ou não (se nos tornaremos imortais na memória dos vivos). Tudo evolui, tudo fica ultrapassado com o tempo. O tempo faz esquecer tudo.

Glorifica-se e aceita-se determinado estilo, depois vem outro modo de encarar a literatura, depois outro, depois outro (em que pesem os chamados clássicos, esses que têm sido lidos em qualquer tempo principalmente por pessoas com mais de 50 anos de idade). Estou apenas confirmando o óbvio, que o tempo modifica tudo, modifica inclusive as concepções sobre o tempo, e que tudo é ultrapassado, impossível fugir disso, assim como é impossível fugir de nossa contingência, mesmo quando apelamos para algum ser necessário, esse tipo de abstração (*ens rationis*). O modo como a pessoa vê e sente o mundo, tudo depende da época, apesar de certas verdades comuns a qualquer tempo, como o próprio fato de sermos contingentes, que é uma verdade universal, já que não inventaram ainda o homem eterno. (O Universo seria eterno?)

A verdade é uma aproximação contínua, uma aquisição coletiva, limitada por nosso físico e por nosso espírito (por nosso físico-espírito, por nosso corpo-alma). O corpo é a realidade do espírito, já dizia Gasset. E a verdade é uma dês-coberta contínua. (Os macacos antropóides e o *homo sapiens*, por exemplo, e o homem do século 21.)

Os bons sentimentos de Humberto de Campos, por exemplo, tão lido e comentado em 1930. Quem lê Humberto de Campos hoje? Vou trocar Rubem Fonseca por Humberto de Campos? De forma alguma, pois não posso (nem quero) trocar meu tempo pelo tempo de Humberto de Campos, embora ainda hoje consiga ler sua prosa com prazer (as crônicas de *Sepultando os Meus Mortos*, por exemplo). A propósito, em carta que me escreveu, o poeta Sebastião Nunes observava: “Quem é hoje Mário Faustino senão uma sombra, um livro esquecido na estante de alguns velhos poetas, letras orgulhosas e vazias? Sim: não era um grande poeta. Mas quem será?” (Quem suportaria hoje todo aquele rebuscamento de Coelho Neto? E se existe Manuel Bandeira, por exemplo, por

que iria eu preferir Olavo Bilac? Como dizia Ricardo Lessa: as palavras, como as coisas, envelhecem e morrem.

Tudo vai ficando ultrapassado, embora alguns homens demorem mais para desaparecer, como Platão, por exemplo, que mesmo já passados 20 séculos, ainda hoje é lido, e mesmo que se conte nos dedos as pessoas que lêem Sócrates, Platão, Aristóteles, filósofos que são lidos do mesmo modo como continuamos a visitar museus e a aprender com eles, vendo o que esses museus podem fazer hoje por nós. Para não falar também na atualidade da tragédia grega, por exemplo, com Ésquilo, Sófocles, Eurípides que, segundo Mário da Gama Kury, permanecem atuais e fascinam porque o principal personagem dessas tragédias são os sentimentos, sendo que o homem continua a fazer e sentir hoje as mesmas coisas que fazia e sentia então – independente das modificações no tempo e no espaço, acrescento eu, e sem falar nas transformações que o corpo e a mente humana poderão sofrer no futuro.

Comparar um tempo mais próximo com outro: comparar Humberto de Campos e Fernando Sabino. Não estou desmerecendo ninguém, estou apenas vendo as modificações que o tempo impõe, o que desmoraliza qualquer vaidade e presunção. (Não estou necessariamente xingando uma pessoa se digo que ela tem 50 anos, nem estou elogiando se digo que ela tem 20. Me ver com 20 anos de idade, e me ver com 57, por exemplo. O modo como simultaneamente deglutimos o tempo e como o tempo nos deglute, cada idade com seu estilo, sua visão, sua sensação, sua presença. Tudo sendo feito como que através de uma harmonia dos contrários, supondo-se que podemos chamar isso de harmonia. Harmonia gerada pela dissonância?)

Já que sou contemporâneo de Sabino, prefiro Sabino. (O Sabino de *O Encontro Marcado* e de *O Grande Mentecapto*, que mostram tempos diferentes, quer dizer, 1956 e 1979.) Gosto de Dostoiévski e de suas masturbações metafísicas, mas prefiro o sertão de Guimarães Rosa. Apesar de gostar tanto de Machado de Assis, fico com Graciliano Ramos, ou até mesmo com o ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego, que me sensibiliza muito com modo dele recordar sua vida, misturando ficção e realidade, memória e imaginação. Não importam tanto aqui estilo e preocupações de cada um. Pra mim, pelo menos, é uma questão de tempo e de temperamento (nasci em 1936, sou do século 20, e as sessões de nostalgia me deprimem).

Parece que só música independe de tempo: o artista compõe uma sinfonia no século passado, e a gente ouve hoje como se a sinfonia tivesse sido composta agora, sem sofrer absolutamente nenhum desgaste, e apesar da chamada música contemporânea, de vanguarda, que ainda não atinge um grande número de aficcionados, pois nosso ouvido ainda não estaria educado para esse tipo de som. (Bach compôs suas fugas e contrapontos no século 18, e Villa-Lobos também compôs, no século 20, magnífico prelúdio e fuga com as *Bachianas Brasileiras nº 9*.

Ouçam também a fuga de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos em *Um Gosto de Sol*, disco de 1972, do primeiro Clube da Esquina. E *Eleanor Rigby*, em disco de 1966. Ou ainda, *Samba em Prelúdio*, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, de 1963. Me permitam citar, por último, duas peças excelentes do disco *Nó Caipira*, de Egberto Gismonti, de 1978: *Palácio de Pinturas* e *Selva Amazônica*.)

Quero dizer que a música demora bem mais tempo para ficar desgastada, como tem acontecido até hoje, e não sei se continuará acontecendo desse modo, pois o futuro só mesmo Deus e o Diabo podem calcular com exatidão, se puderem. E a música popular se desgasta mais depressa que a erudita, sofre mais as pressões do modismo, é mais descartável. Ou seria, nos dias de hoje, simples problema de consumo? Mas que tipo de som vão preferir as pessoas do século 25, por exemplo? (O século 25 faz com que eu veja mais claro o século 20 – passado, presente e futuro se influenciando. Desse modo: quanto mais me ergo, mais o horizonte de alarga.) De qualquer modo, podemos pensar também na Idade Média, por exemplo, quando se encarava a música de um modo que nada tem a ver com os dias de hoje, em que a chamada música profana está separada do sentimento religioso, não depende dele, é auto-suficiente. (Ver *O Declínio da Idade Média*, de Johan Huizinga.) Cada tempo com seu modo de explicar (e sentir) o mundo, os homens, as artes.

Por exemplo: tempos atrás lia-se Jacques Maritain e Raissa Maritain, depois lia-se Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. No começo do século 20 certos autores eram citados, hoje os autores citados são outros. E os autores da antiguidade servem hoje como peças de museu, ou seja, estão enterrados na história, quer dizer, fazem parte da nostalgia literária, cultural. Existem como presentes, não mais como passado – estão incorporados ao presente, transformaram-se em tecidos do presente. Ou como dizia Jacques Le Goff: o passado não deixa de viver e de se tornar presente.

Escrevia-se romance em 17 volumes, hoje se escreve em um volume de 400 páginas. Hoje a pessoa é solicitada muito mais por televisão, cinema, teatro, shows, esportes e praia do que por livro. (Pra não falar no computador, que é outra história, outro tempo.) As pessoas preferem futebol a literatura. A verdade é que ninguém hoje escreve *roman-fleuve*, não há tempo (nem disposição) pra ler – e se há procura, não há oferta – cada tempo com seu ritmo. (Compare-se, se for o caso, *A Comédia Humana*, de Balzac, com *Lugar Público*, de José Agripino de Paula. Ou *A Tragédia Burguesa*, de Otávio de Faria, com *Simulacros*, de Sérgio Sant’Anna.) O fato é que antigamente a estrutura do romance era diferente, com muitas descrições e detalhes, tudo sendo explicado para o leitor, e hoje já não se tem mais esse rigor, essa preocupação.

Existem Beethoven e padre José Maurício, e existem também o aleatório John Cage e o dodecafônico Marlos Nobre. Havia sonetos, e havia também poesia concreta, poema-processo, poemas-objeto, poesia do mimeógrafo, poesia declamada, poemas holográficos, poesia formalista, poesia espontaneista, dor-de-cotovelos. Um tempo trucidando e simultaneamente alimentando-se do outro, propiciando o nascimento de outro tempo, de outras formas que o tempo pede. Ontem o livro era de papel, hoje pode ser computadorizado, amanhã nem se sabe se vai existir isso que conhecemos por livro, já que nada é eterno, tudo se transforma.

Somos da era do livro e do rádio, e o pessoal da era da televisão perde pouco tempo com livros. E tem o pessoal do computador. Mas como o livro ainda traz mais informações e ideias do que televisão, então o pessoal mais novo continuará idiota, não sei até que geração, a não ser que tudo se modifique, já que tudo sempre se modifica. De qualquer modo, quem pode garantir que sempre existirá esse objeto que chamamos hoje de livro? Daqui a 50 anos ainda existirá isso que hoje chamamos máquina de escrever? O que será do

computador daqui a 100 anos? (Estou apenas confirmando mais uma vez que o tempo deixa tudo superado. E não adianta espernear que é inútil. Outra pergunta: de que modo o “ser humano” vai encarar o sobrenatural daqui a 50 anos? E quando não houver mais Terra, para onde irá o sobrenatural?)

O homem da era industrial, o homem da era nuclear, o homem do século 60 (se ainda existir homem naquele século). O que Humberto de Campos diz pode servir de ilustração: “o século XX teve por missão, na História, destruir todos os princípios e convenções estabelecidas pelos séculos anteriores”. Um tempo deglutindo o outro, como sempre, alimentando-se e expelindo o que não interessar.

Assim: antigamente o Diabo amedrontava, hoje nem os crentes levam o Diabo a sério, só padres retrógrados e seus catecismos discutem o assunto. (Quem amedronta são os homens.) A verdade é que o sexo dos anjos não interessa mais, e também não interessa o segundo em que o pecado entra na alma do crente, não interessa que estejamos condenados antes mesmo de nascer, segundo a teologia católica. Céu, inferno, Deus, Diabo já fariam parte da ficção, da fantasia, quer dizer, existem como ficção, têm grande valor como ficção, até chegar o tempo em que ficção não terá mais valor e será substituída por outro jogo. (Freud considera as ideias religiosas como ilusões provenientes sobretudo da necessidade de defesa dos homens contra as forças superiores da natureza.)

Houve também um tempo em que os escritores se preocupavam muito com o efeito das frases e a rigidez das normas (das formas): se deixavam levar mais pela paixão literária do que pela matéria que discutem, conforme dizia Humberto de Campos. Hoje essa preocupação é menor e, em vários casos, o anarquismo impera, ou impera a total liberdade do autor diante de seu tempo, de seu mundo. Padrões estéticos já não são rígidos, o que incomoda muitos críticos: mas quem ficaria pensando hoje em normas do começo do século? Quem

escreve hoje pensando em normas do passado? Não existem mais leitores do começo do século! Como se não houvesse mais material nobre nem sentimentos nobres, nem regras definitivas, tudo encarado hoje dentro agora de um “realismo” da era nuclear, apocalíptica, desintegrado (relativismo), o que absolutamente não impede ninguém de escrever sonetos “modernos”, por exemplo, ou de construir estórias muito bem urdidas com princípio, meio e fim. “Realismo” que sempre valoriza o que a ciência tem a dizer, e que nunca deixa de ser crítico e autocrítico. Portanto: um “realismo” que nada tem a ver com dogmas de qualquer espécie – “realismo” e dogma se excluem.

As palavras também vão ficando ultrapassadas e gastas com o tempo, vão perdendo o uso, ficando empoladas, sendo substituídas, só existindo nos dicionários, ou nem isso. As palavras, as imagens. Tudo. Humberto de Campos, por exemplo, fala em ovações, périplo, preito, escol, turbilhão, alvíssaras (“literatura imaginosa e florida”). Hoje, nem mesmo políticos usariam tais palavras em seus discursos. E se alguém ainda usa esse tipo de palavras, geralmente já passou dos 60 anos. Repito: não estou dizendo que somos melhores ou piores (mesmo sabendo que o presente se aproveita do passado, se enriquece com o passado), estou apenas insistindo que tudo se modifica com o tempo, cada tempo com seus valores, suas medidas, suas descobertas, é natural isso, não há nada fixo para sempre. A propósito, Luis Fernando Veríssimo caçoava de certas palavras e expressões que saíram da moda como estrelecimento, muxoxo, empalidecer, ruborizar, colo arfante, por aí.

Mais um exemplo: diante do artificialismo e mesmice do rock estrangeiro e brasileiro que assolam o país, ouvir Vicente Celestino hoje é estranho, mesmo para um coroa como eu, que nasci ouvindo as músicas dele mas que prefiro caras como Chico Buarque, Egberto Gismonti, Caetano Veloso, Jobim, gente assim, de muita criatividade, muita riqueza de sons. Mas quem

iria editar Dalva de Oliveira, acompanhada de orquestra de Roberto Inglês? Nem museu! E eu gosto de Dalva de Oliveira. E não frequento museus com a assiduidade que deveria.

A propósito, Paul McCartney observava que as músicas modernas pecam pela superficialidade. John Lennon dizia que o rock é uma música instintiva.

Na verdade, o que se vê hoje é uma realidade descontínua, que não segue normas pré-estabelecidas, é dilacerada, sem nada fixo e, ainda por cima, bombardeada pelos meios de comunicação, que variam suas verdades (seus interesses, seus faturamentos) de segundo em segundo. Hoje, todos os problemas são levantados, e são apontadas todas as soluções. Em tese, pelo menos. Isso, se de um lado pode aumentar a confusão, por outro lado provoca a descoberta de verdades, incentiva a pesquisa – o campo de possibilidades torna-se infinito. Quem não está habituado a lidar com o infinito, pode ficar zozzo. E os outros podem mostrar isso em seus livros, por exemplo, mostram esse clima, sem precisar definir o fato com este ou aquele nome, pois quem se preocupa com nomes são os críticos profissionais e professores de faculdades, esse tipo de teóricos.

No caso dos escritores, o importante é que cada um faça da própria literatura o que quiser, e cada crítico (e leitor) verifique o que o autor pretendeu com seu texto e não aquilo que normas e tradição estabelecem, já que o próprio autor é que estabelece as próprias normas.

Quando Clarice Lispector lançou *A Paixão Segundo GH*, um crítico atacou o livro afirmando que aquilo nunca foi romance. Não seria interessante ele se perguntar, antes de mais nada, o que a autora quis com o livro? Por exemplo: o autor pode ser apenas uma câmara-olho registrando fatos sem interferir neles. A câmara está fixa, enquanto pessoas e coisas acontecem diante dela, numa variedade de cores e formas: as pessoas passam, conversam rápido, se cumprimentam ou um nem olha pro outro, enquanto cai uma chuva fina,

ônibus circulam, o prédio da frente é colonial. A calçada esburacada, o asfalto empoçado, um cachorro corre com medo de apanhar, luzes acesas nos postes às 16 horas, primavera no centro do Rio. A única interferência do autor é onde colocar a câmara, o resto é por conta das coisas, das pessoas e de outros animais.

Observe-se ainda, a propósito, que hoje o “estilo” da crítica também tem que obedecer determinado jargão para ser bem aceita, tem que ser uma crítica que tenda para o erudito, para o cerebral. Como acontecia com o conto, por exemplo, que era obrigado a contar uma estória com princípio, meio e fim e que hoje, felizmente, está menos escravizado a normas fixas, mais livres. Como dizia Antônio Cândido, o escritor hoje está entregue à sua própria liberdade. Desse modo, uma crítica informal e que até chegue ao coloquial de tão despojada e espontânea, essa não é bem vista (pela inteligência brasileira, pelo menos). Ainda nos dias de hoje a crítica cultiva seus materiais nobres com muito carinho. José Castello chega a chamar os críticos literários de malabaristas, esses que produzem textos eruditos mas ilegíveis.

Seria o caso de perguntar: esses críticos profissionais respeitariam um ensaio como *O Tempo dos Assassinos*, em que Henry Miller fala da importância existencial de Rimbaud e de suas afinidades com o poeta francês? Na verdade, a crítica acaba sendo uma exibição de conhecimentos puramente livrescos, como se estivessem ruminando ideias platônicas. Acima de tudo, no entanto, o que importa é ser crítico, olhando os fatos num contexto amplo, numa implicação, o que absolutamente não invalida ninguém de se preocupar com uma concepção rigorosamente estética da literatura, já que cada um é livre para pensar e fazer como quiser, cada um contribuindo com sua parte, mostrando seu ângulo.

Ilustrando. Em *O Declínio da Idade Média*, Johan Huizinga comenta sobre aqueles eclesiásticos e magistrados, que eram os letrados do ano de 1400, e nos humanistas que os

seguiram, “na vazia generalidade de pensamento, na importância afetada, nas frases rebuscadas ou no gosto das futilidades”.

Acrescente-se o seguinte: o crítico costuma se mostrar pomposo e empolado, por isso enfatiza os adjetivos, que teriam a função de dar mais solenidade ao que ele escreve. Assim, o uso do adjetivo seria um modo de embasbacar o leitor, de dar ideia de profundidade. Águas pluviais, por exemplo, soa mais pomposo: se escrevesse águas de chuva, considerariam muito prosaico. O mesmo se diga de vida familiar, e infinitos outros exemplos. Considero essa mentalidade bem subdesenvolvida. E quando adjetivam nomes próprios, então o negócio fica pedante, ou até cômico: machadiano, cabralino, roseano, oswaldiano, marioandrado. Como se a preocupação fosse mais exibir efeitos especiais do que esclarecer (ou esclarecer, dentro do possível, mas sem abrir mão dos efeitos especiais porque, afinal, são esses efeitos que conferem credibilidade entre os eruditos e bem-pensantes e os distanciam dos simples mortais). Coisas da província, e que atacam o mundo todo.

Eu, particularmente, me preocupo com uma crítica “humanista”, abrangente (preocupada portanto com tudo) e livre de modelos rigorosos. Não ser apenas uma crítica impressionista ou sociológica, por exemplo, mas admitir uma análise sob o maior número de aspectos, fazer com que todos esses aspectos ajudem na compreensão do fato literário: aproveitar-se de tudo que puder ajudar, esclarecer. Não se trata, portanto, de limitar o papel da crítica com este ou aquele aspecto, mas de enriquecê-la com o maior número possível de dados, a fim de que a compreensão seja maior.

Outro ponto que me intriga é que a crítica está sempre girando em torno dos mesmos nomes, como se só reconhecessem a autoridade desses nomes, desprezando os demais. Não estou dizendo que os nomes citados não mereçam crédito, em absoluto, estou apenas achando engraçada (e limitadora) essa fixação em determinados nomes, de preferência europeus e norte-americanos, que compõem e ditam a moda literária, literária, cultural. O problema é que não se interessam por outros nomes a não ser os que fazem parte do estreito circuito da moda. Para a intelligentsia brasileira, pelo menos, os únicos nomes que existem (em várias áreas) são, entre outros, Walter Benjamin, Freud (naturalmente!), Umberto Eco (ótimo!), Derrida, Joyce, Mallarmé, essa gente célebre. De tempos em tempos aparecia Merquior, provocando a intelectualidade brasileira com seus ataques (eruditos). A propósito, José Arthur Giannotti fala de conceitos que não têm o menor sentido com a realidade brasileira.

Quanto aos ficcionistas. Se o cara é baiano, dizem que é cantor-compositor; se é mineiro, dizem que é contista. Tem Jorge

OUTRO PONTO QUE ME INTRIGA É QUE A CRÍTICA ESTÁ SEMPRE GIRANDO EM TORNO DOS MESMOS NOMES, COMO SE SÓ RECONHECESSEM A AUTORIDADE DESSES NOMES, DESPREZANDO OS DEMAIS.

Amado e Paulo Coelho, que vendem muito. E que os grandes contistas mineiros e compositores baianos não me levem a mal, pois tanto admiro o baiano Dorival Caymmi quanto o mineiro Rubem Fonseca, pra não falar em Guimarães Rosa.

Naturalmente com o tempo os nomes também serão esquecidos, substituídos por outros. (Vai tudo desaparecer?) A verdade é que nos alimentamos deles e fazemos a digestão, assim como podemos servir de alimentação para outros.

E mais: em geral os críticos profissionais não têm humor, são sisudos demais, mantém aquele distanciamento entre professor e aluno com aquela pose de mestre, *magister dixit*. Como se dissessem: eu sou a verdade e a vida, e vocês são neófitos. Como se não existisse lugar para o humor nas artes e na literatura (o humorismo de Machado de Assis é clássico, o de Rubem Fonseca ou Sérgio Sant’Anna é mais “moderno”, atual) E até mesmo em filosofia há lugar para humor, como prova o inglês Bertrand Russell.

Também não pensamos aqui o que será a literatura no século 22, por exemplo, pois o tempo hoje não tem garantias de continuidade, já que vive ameaçado por situações que nunca existiram antes: explosões nucleares, envenenamento da terra através de todo tipo de poluição, destruição de camada de ozônio, efeito estufa e o ódio que vem junto com toda preocupação de fraternidade, para não falar na ganância pelo lucro fácil, dentro desse espírito de que, para se chegar à riqueza e ao poder, todos os meios são lícitos. Como dizia Millôr Fernandes: o homem é o câncer da natureza. E ainda não descobriram a cura definitiva nem do câncer nem da estupidez humana. (Quanto mais se devoram, mais falam em caridade e amor ao próximo. É óbvio: nunca se fala tanto em liberdade como numa ditadura. Quer dizer: a pessoa só se preocupa com a própria respiração se estiver com enfisema pulmonar.)

Mas o tempo não tem sentimentos, não leva em consideração as ações e reações dos seres humanos. O tempo simplesmente passa, e leva tudo junto com ele (dissolve tudo), não perdoa absolutamente nada, nem Deus nem teorias literárias, deixa tudo ultrapassado, irremediável. (A propósito: quando o planeta Terra for destruído, quem pensará em Deus? Deus reinará sobre o nada? Os homens serão substituídos por astros, galáxias, átomos? Sem homem, existiria Deus? Qual o poder de Deus contra a estupidez humana?) De qualquer modo, enquanto o tempo vai passando, é possível se fazer alguma coisa (relações entre seres humanos e natureza): literatura é também um modo talvez mais sofisticado (e menos direto) de se comunicar com os outros, de ajudar a suportar a própria condição, a gente diz o que pensa até a hora em que não tem mais nada pra dizer e se cala (ou morre, tanto faz, se transforma).

Acredito que é saudável a gente não esquecer que será superado, o que absolutamente não afeta o convívio entre pessoas, assim como a certeza da morte não impede ninguém de viver (nem de suicidar-se, o único problema realmente filosófico, segundo Camus). Com o tempo a própria Terra se transformará em outra coisa, numa bola de fogo talvez, seguindo o exemplo de todo o Universo, que não para de se transformar (de se expandir? de se contrair?). Somos fugazes, e a profunda compreensão desse fato não desespera ninguém (não vou ficar desesperado por ser apenas humano). Em última análise a condição humana é um fato que ultrapassa as considerações sobre ela. Por exemplo: ninguém deixa de escrever por saber que será superado, já que o que realmente interessa é o tempo de hoje, o único que realmente conta. O tempo de hoje, agora: um *contexto* entre passado, presente, futuro. (E não vou agora falar em catarse.)

Posso até pensar nessa ou naquela forma de imortalidade, mas o tempo não toma conhecimento de nada, vai dissipando tudo. Mas quando se escreve, não se pensa em superação, neste sentido: a morte não me impede de viver como se eu fosse imortal. (Ser imortal e depois morrer, como queria Godard. Ou como queria Carlos Drummond de Andrade: a eternidade dura uma fração de segundos. Que seja eterno enquanto dure, recitava Vinicius de Moraes.) O escritor escreve, mesmo que não saiba se vai ser editado e devidamente reconhecido. O escritor lança uma seta, e espera que surja o alvo (que pode nunca surgir). Surgindo ou deixando de surgir, a vida continua (se os seres humanos não destruírem tudo).

Façamos então um parêntese e pensemos nas convenções estéticas e sentimentais deste modo: exatamente por seres convenções, variam no tempo e no espaço, uma convenção dando lugar a outra – cada época com seu modo próprio de ver e sentir o mundo, e todos se julgando “modernos”, quer dizer, não apenas atuais mas melhores.

E já que estamos preocupados com tudo e com todos, consideremos como há grandes escritores em qualquer parte do mundo, sendo que a maioria deles só é reconhecida no próprio país ou em algumas regiões mais populosas do próprio país. No entanto, a gente procede como se os únicos grandes escritores do mundo fossem apenas aqueles divulgados pela mídia ocidental, o que não deixa de ser doloroso, frustrante e limitador. Como se o que importasse não fossem os valores, mas a propaganda, as normas ocidentais, fora das quais não haveria grande literatura. Trata-se de um confinamento (bitolamento) que me intriga bastante, como se cada país cultivasse o próprio gueto, considerado melhor do que outros guetos, em que pese a subserviência de cada país pobre (esses países que só têm futuro, não tem presente). Artistas de teatro, por exemplo: são tantos, mas tão desconhecidos fora do próprio país e até dentro, mesmo que esse país se chame, por exemplo, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália. Artistas de cinema são menos

desconhecidos: sem esquecer a penetração do cinema americano e o isolamento do cinema indiano, por exemplo, que vive isolado.

Em suma: sempre conhecemos o mínimo de tudo (nos especializamos nesse mínimo) e fabricamos nossas opiniões a partir desse mínimo, sem perder a pose de que conhecemos quase tudo e de que estamos entre os melhores, achando que não vale a pena perder tempo com um grande número de escritores, que não acrescentariam nada, bastando conhecer os melhores do Ocidente, o que não deixa de ser uma limitação e um modo de superestimar o próprio umbigo. (Se conhecemos apenas uma parte da questão, nossas opiniões serão parciais, bitoladas, daí a necessidade de conhecer o maior número de dados possível, em todos os setores.) Como se dissessem: se existe Shakespeare, pra que ler José da Silva. Quer dizer: a literatura se converte em pequenos grupos que se comunicam só entre si e que desconhecem (desprezam) outros pequenos e grandes grupos, no mesmo sentido em que desprezam os chamados bárbaros e subdesenvolvidos e, portanto, não reconhecem a influência e importância desses bárbaros. Como quem não admitissem, por exemplo, a influência da filosofia oriental na filosofia dos gregos, influência já observada por Mário Schemberg, segundo o qual grande parte do pensamento pitagórico e platônico teria sido de origem oriental.

Essa discussão (e põe bizantinismo nisso) toda ela serve pelo menos como exercício mental, do mesmo modo como metafísica é um bom exercício mental, do mesmo modo como religiões e filosofias são uma grande literatura, muito rica. Essa discussão toda também serve para ocupar o tempo, para que sejamos chamados de inteligentes e o nosso ego fique satisfeito. Inteligência ainda confere algum prestígio, embora perca de longe para o prestígio de artistas de cinema, teatro e televisão, cantores e jogadores de futebol (eles fizeram por merecer). Seja como for, daqui 100 anos o mundo estará tratando de outros assuntos, se estiver, e com outros estilos, quando o século 22 olhará para nós da mesma forma como hoje olhamos a pré-história. Até que a terra se desintegre no espaço, daqui a bilhões de anos – para “felicidade” geral do universo.

LUÍS GONZAGA VIEIRA

mineiro de Ouro Fino, foi um dos criadores da revista *Estória*, na década de 60. Publicou, em 1974, o livro de contos *Aprendiz de feiticeiro* (Ed. Interlivros, Belo Horizonte).

5 MOVIMENTOS

SÍLVIA RUBIÃO

Movimento

É ele o ausente
o que ao estar
escapa, atrai
para o quase abismo
e volta, ainda igual
mais que um engano

Move-se por seu deus
logo ao partir
retorna, circula
flui no entorno
leva a sendas tão estreitas
no entanto, para nada

É ele o errante
o que não se entrega
perdido de si
esvai-se num anseio
ressurge
nas certezas do vazio

É ele o alento
das horas tantas, fugidias
o que amando tão pouco
ama tão bem

Estiva

Na algazarra dos homens
tudo é movente

Elos de músculos
estendem sobre o porto
a força de águas intranquilas

No encontro, a pele
vem com peso
vem com ritmo
soa como açoite
num só esforço
rola a engrenagem
nos dorsos de luz
rajados de sal

Mal se vai, volta
a serpente de braços
retoma o ciclo
dobra a carga
gota a gota
porejando a fadiga
no pó do cais

É tempo de estiva
o que se move
encontra um destino
o que se cala
são gritos votivos
sobre a garganta do mar

Estranhamento

O corpo que me habita
feixe de ossos
atado em pele
deu-me beleza estranha

E porque o sinto
nos apertos
nos ruídos
sei que não mente
apenas ilude
quando gargalha
na luz da manhã

Flor de opala
separo pétalas
que o tempo esgarça
encontros tantos
de puro espanto

Sou opaca
sem salvação

Impermanência

Que as margens
devolvam ao percurso
os excessos
restos de um tal rio

Que ao fluir
deixa o leito escasso
quase estranho
ainda que role
o limo desfolhado
posto à deriva
de um ponto cego onde
o nada reencontra a sua via
impermanente

Algo que se adere
bordeja nas margens
infenso a golpes
permanece
assim na superfície
ou apenas transparece
em vago alento, o que no fundo
recupera

Ramagens
seixos intocados
os domínios do curso
o mesmo que o corpo
tão afoito
na certeza de afogar-se
expõe a um só tempo
ainda agora, em outro extremo

Em vão tenta diluir
a beleza irresoluta
que súbito
submerge

Pergunta

Foi-se tudo
não pelo despir-se
de acúmulos
pelo abandono
consentido
de quem se quer nua

Foi-se tudo
pelo desejo de perder-se
pérolas de um colar partido
baú de aquarelas
manta de vária trama

A cobiça
o desamparo
o esquecimento
por onde passo
flutuo no peso que me falta
imploro a fortuna
solta no espaço
a vertigem
uma repulsa
que não cessa
tudo busca
e de mim me afasta

Para onde vou
chego antes do tempo
o colo despojado
as mãos vazias

Chego e não entendo a pergunta
quem és?

SÍLVIA RUBIÃO

nasceu em Belo Horizonte e é consultora
na área de Comunicação Social. Publicou,
em 2005, o livro de poemas *Tangência* (Ed.
7 Letras).